

iscte

INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

"Jair Me Arrependi" e "Tesoureiros". O papel desses perfis digitais ativistas para o sucesso da comunicação da 'Comissão Parlamentar de Inquérito da Covid' no Brasil.

Mestrado em Comunicação Cultura e Tecnologias da Informação

Elke Mendonça Ferreira do Nascimento

Orientador: Professor Doutor Tiago Carvalho
Iscte- Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2024



**SOCIOLOGIA
E POLÍTICAS PÚBLICAS**

Departamento de Sociologia

"Jair Me Arrependi" e "Tesouheiros". O papel desses perfis digitais ativistas para o sucesso da comunicação da 'Comissão Parlamentar de Inquérito da Covid' no Brasil.

Mestrado em Comunicação Cultura e Tecnologias da Informação

Elke Mendonça Ferreira do Nascimento

Orientador: Professor Doutor Tiago Carvalho
Iscte- Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2024

Para Eason Nascimento, meu pai, falecido no dia 03 de março de 2021, aos 69 anos, vítima das consequências da covid-19.

Agradecimentos

À angolana, à chinesa, ao congolês, à equatoriana, ao peruano, aos portugueses do continente e das ilhas e em especial aos paulistanos, à gaucha, à cearense e ao carioca. Vocês transformaram esses últimos dois anos em uma verdadeira experiência de aprendizado e tolerância entre as diferenças culturais e trouxeram esperança para a construção de dias melhores.

À Edgard Murano por sempre estar ao meu lado acompanhando e acreditando os meus projetos seja aonde for.

E por fim, mas não menos importante, ao Professor Tiago Carvalho, pelos ensinamentos e caminhos apontados durante toda a execução deste trabalho. O meu mais profundo agradecimento e respeito por tentar compreender e ajudar a dar sentido a esses acontecimentos.

Resumo

Este trabalho investiga a participação de perfis anônimos no X/Twitter, como @jairmearrependi e @tesouheiros, no contexto da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da covid-19 no Brasil, em 2021. Em um cenário marcado pela condução controversa da pandemia pelo governo de Jair Bolsonaro, a CPI emergiu como um dos eventos políticos de maior repercussão no país, amplamente acompanhada pela população através das mídias sociais. Neste estudo, buscamos explorar como esses perfis anônimos, que inicialmente atuavam como coletores de informação, evoluíram para se tornar protagonistas no processo de investigação, colaborando diretamente com os trabalhos desta CPI. O objetivo central é demonstrar como o ativismo digital, exercido por estes perfis anônimos, ultrapassou os limites da participação cívico-política tradicional, influenciando diretamente as investigações parlamentares e contribuindo para a construção das acusações contra os membros da então gestão do governo federal. Para tanto, empregamos a análise de conteúdo, utilizando postagens nas redes, entrevistas concedidas por representantes desses perfis, depoimentos de senadores envolvidos na CPI, e materiais de cobertura jornalística. As principais questões abordadas incluem: a forma de atuação desses perfis nos trabalhos da CPI, suas percepções sobre o impacto de suas ações, e os resultados políticos decorrentes de seu ativismo. Este estudo busca categorizar qualitativamente esses resultados e destacar a importância da colaboração entre perfis anônimos e figuras públicas, que se uniram para refutar as narrativas governamentais e promover a busca por responsabilidade e transparência nas ações de autoridades e instituições durante o período da pandemia. Ao contextualizar essas ações dentro da teoria de comunicação em redes sociais e do ativismo digital, este trabalho pretende demonstrar a emergência de uma nova forma de ativismo no Brasil, com implicações significativas para a democracia e o cenário político-midiático atual.

Palavras-chave: Política, Ativismo Digital, Fact-checking, Fake News, Mídias Sociais, X, Twitter.

Abstract

This paper investigates the participation of anonymous profiles on X/Twitter, such as @jairmearrependi and @tesoureiros, in the context of the Parliamentary Commission of Inquiry (CPI) on COVID-19 in Brazil, in 2021. Amid a scenario marked by the controversial handling of the pandemic by Jair Bolsonaro's government, the CPI emerged as one of the most prominent political events in the country, widely followed by the public through social media. In this study, we aim to explore how these anonymous profiles, which initially acted as information gatherers, evolved to become key players in the investigation process, directly collaborating with the work of this CPI. The main objective is to demonstrate how digital activism, exercised by these anonymous profiles, transcended the limits of traditional civic-political participation, directly influencing parliamentary investigations and contributing to the construction of accusations against federal government members at the time. To this end, we employed content analysis, using social media posts, interviews given by representatives of these profiles, testimonies from senators involved in the CPI, and journalistic coverage materials. The main issues addressed include: how these profiles operated in the CPI's work, their perceptions of the impact of their actions, and the political outcomes resulting from their activism. This study aims to qualitatively categorize these results and highlight the importance of collaboration between anonymous profiles and public figures, who joined forces to refute government narratives and promote the pursuit of accountability and transparency in the actions of authorities and institutions during the pandemic. By contextualizing these actions within the theory of social media communication and digital activism, this paper intends to demonstrate the emergence of a new form of activism in Brazil, with significant implications for democracy and the current political media landscape.

Keywords: Politics, Digital Activism, Fact-checking, Fake News, Social Media, X, Twitter.

Índice

Agradecimentos.....	iii
Resumo.....	v
Abstract.....	vii
1.Introdução.....	01
2. Desafios e estratégias de combate à desinformação digital	
2.1 A formação de uma rede social online.....	04
2.2 A formação de uma rede social de indignação.....	05
2.3 Ativismo digital no twitter: a participação transformou-se em ação.....	09
2.4 <i>Fact-checking</i> e um banco de dados a favor da verdade.....	11
2.3.1 O 'negacionismo declaratório' na cobertura jornalística brasileira.....	13
2.5 A forma também pode ser um conteúdo?.....	16
2.6. A CPI da Covid e o fenômeno do <i>second screen</i> em um evento político.....	17
3. A análise do conteúdo na comunicação em rede social digital.....	19
4. Caça ou Caçador: a reversão de papéis durante a CPI da Covid.....	21
4.1 O começo de tudo.....	21
4.2. colaboração pública como estratégia de Comunicação.....	24
4.3. O Brasil parou para assistir: o <i>fact-checking</i> no caso Secom.....	27
4.4. A importância da conquista da narrativa.....	29
5. Considerações finais	33
6. Referências Bibliográficas.....	37
Anexos.....	41
Figuras.....	41
Notícias.....	46
Entrevistas.....	49

Capítulo 1

Introdução

Dezembro de 2020 ficará marcado na história global como o começo do fim da pandemia da covid -19. Países como Inglaterra, Rússia, Suíça e tantos outros¹ iniciaram os seus processos de vacinação e combate ao vírus. Enquanto isso, no Brasil, a nossa pandemia não era atacada ou enfrentada e nem vislumbramos um fim. Vivíamos sob o comando de um governo populista radical de direita, claramente negacionista, que tinha como principal porta-voz o então Presidente da República, Jair Messias Bolsonaro. O então Presidente, que quando aparecia para falar da pandemia, deixava claro suas crenças em suas declarações sobre a "imunidade de rebanho" ou ironizando em suas transmissões ao vivo, pelo seu canal no Youtube, pessoas com falta de ar, chamando a covid-19 de "é só uma gripezinha". Ele costumava também questionar veementemente a eficácia, procedência e a necessidade de se submeter as vacinas: "Se virar jacaré, é problema seu"², dizia em tom de deboche.

Durante o seu governo também presenciamos quatro trocas de comando no Ministério da Saúde, gestões estas que vieram a demonstrar toda a sua ineficácia em alcançar resultados no controle e combate a covid- 19. Uma destas particularidades foi a escolha deliberada em ignorar as orientações da Organização Mundial de Saúde (OMS) somado aos escândalos de desvio de recursos públicos que não estariam sendo revertidos para o enfrentamento da pandemia³. Entre tantos escândalos, com a tragédia da falta de oxigênio para o atendimento nas unidades de tratamento intensivo na cidade de Manaus, no estado do Amazonas, ficou insustentável a não investigação dos atos do Governo Federal e da sua conduta que resultaria na morte de mais de 700.000⁴ mil brasileiros em todo o país.

No dia 27 de Abril de 2021 iniciaram-se os trabalhos da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI)⁵ para analisar a condução do Governo Federal nas ações e comunicações adotadas na conduta do combate a covid-19 em todo o território brasileiro. A CPI da Pandemia, CPI do Coronavírus ou CPI da Covid ganharia proporções e envolvimento popular

¹ Ver em anexos o quadro da vacinação mundial

²<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2023/05/03/jair-bolsonaro-vacina-covid-19.htm>

³ Último acesso dia 26.06.24: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57647163>

⁴ Último acesso dia 26.06: <https://www.conass.org.br/painelconasscovid19/>

⁵ Os requerimentos que deram origem à comissão, instalada em 27 de abril, previam diligências em duas frentes: além de apurar ações e omissões do governo federal, a CPI deveria fiscalizar o eventual desvio de recursos repassados da União para estados e municípios no enfrentamento à pandemia. Fonte: Agência Senado.

ímpares, que a transformaria em uma das Comissões mais midiáticas já realizadas em nosso país.

Antes precisamos esclarecer o que significa uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI). A CPI é um instrumento investigativo e de caráter não judicial garantido ao Senado da República através da Constituição Federal Brasileira. Uma CPI tem por função realizar a investigação das improbidades administrativas do Governo Federal, que possam ter infringido o direito dos seus cidadãos. Como qualquer comissão do Poder Legislativo, as CPIs têm poder para: realizar audiências públicas com entidades da sociedade civil; convocar Ministros de Estado para prestar informações sobre assuntos inerentes a suas atribuições; receber petições, reclamações, representações ou queixas de qualquer pessoa contra atos ou omissões das autoridades ou entidades públicas; solicitar depoimento de qualquer autoridade ou cidadão; e apreciar programas de obras, planos nacionais, regionais e setoriais de desenvolvimento e sobre eles emitir parecer para ser enviado ao Ministério Público (Agência Senado).

Então, o que a CPI vai ser capaz de fazer será levantar as informações, mas a sua função não será a de julgar e nem a de punir. O seu propósito será o de apontar caminhos para os trabalhos da Justiça. Durante os seus sete meses de trabalhos transmitidos ao vivo pela TV oficial do Senado brasileiro as informações reveladas pela CPI da Pandemia foram responsáveis por pautar a mídia tradicional e por também interferir nas ações e pautas do então Governo Federal no combate ao coronavírus.

“Pela primeira vez na história, a CPI teve ampla participação social, um trabalho parlamentar que rompeu os limites do Congresso Nacional e foi transmitido, ao vivo, para todo o país pelas televisões, rádios e especialmente pelas mídias sociais, como Twitter e YouTube, por meio das quais as atividades da comissão foram acompanhadas em tempo real”. Senador, Randolfe Rodrigues em pronunciamento televisionado à imprensa em Outubro de 2021.

Queremos deixar claro que este trabalho não tem como foco o desempenho individual dos Senadores da oposição ou a análise do desempenho do governo de Jair Bolsonaro durante a pandemia. O nosso interesse específico é fornecer pistas que demonstram caminhos para a caracterização da participação e organização dos perfis no *X/Twitter* @jairmearrependi e @tesousereiros como ativistas digitais e o seus métodos e esforços para terem colaborado na transformação da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Covid em um marco no evento político-midiático no Brasil. Sendo assim, este trabalho parte da seguinte pergunta: como o

ativismo digital no *X/twitter* colaborou para a construção das acusações contra o Governo Federal durante a CPI da Covid no Brasil em 2021?

Para tentarmos organizar a resposta a esta pergunta vamos aplicar a metodologia qualitativa da análise de redes sociais digitais e a revisão da literatura aos dados coletados para a realização de uma análise de conteúdo. Para esse fim foram coletados: postagens originais destes perfis no *X/Twitter*; entrevistas dos perfis supracitados concedidas a terceiros, em trabalhos anteriores, pelos representantes dos perfis anônimos supracitados; trechos de entrevistas e depoimentos com o Senadores Randolfe Rodrigues e Humberto Costa e também uma seleção de material referente a cobertura jornalística publicada sobre os trabalhos desta Comissão.

Todo esse material foi utilizado na tentativa de desdobrar e de parametrizar essa participação levantando as seguintes questões secundárias:

- 1) Como esses perfis conseguiram colaborar com os inquéritos de forma ativa nos trabalhos da Comissão Parlamentar?
- 2) Quais as percepções desses perfis sobre os resultados do seu trabalho durante a CPI?
- 3) Quais os resultados políticos e práticos desta atuação ativista para o cenário político brasileiro?

Certamente que temos o enorme desafio de categorizar esses resultados qualitativos, porém acreditamos que após quase três anos do encerramento desta Comissão agora podemos começar a enxergar com mais clareza a reverberação prática das informações apuradas durante esta CPI.

Sendo assim, o objetivo deste trabalho é demonstrar como pela primeira vez na recente história da democracia brasileira esses perfis na plataforma de mídia social do *X/Twitter* ultrapassaram a fronteira da participação cívico-política e transformaram-se em verdadeiros ativistas digitais. Pela primeira vez foi possível acompanhar não apenas o trabalho dos Senadores da República, ao vivo pela televisão, mas também fomos testemunhas diretas das informações que eram trazidas por estes perfis e acompanhamos em tempo real o poder das informações sendo usadas para a elaboração dos inquéritos para confrontar os membros do então Governo de Bolsonaro.

Outro ponto relevante que nos levou ao interesse de iniciar esta pesquisa é que quando pensamos em ações ativistas não pensamos em forças divergentes trabalhando juntas. Por isso, o que nos chamou a atenção para a realização deste trabalho foi o fator colaboracionista entre os perfis de usuários anônimos na plataforma *X/Twitter* e os perfis dos Senadores da República, que se encontravam em oposição ao Governo vigente. Ativação esta que se iniciou

com simples comentários sobre este evento acabou transformou-se em colaboração com denúncias e apuração dos fatos que refutavam as falas dos investigados pela Comissão.

Acreditamos ainda que essa peculiaridade deve ser registrada como uma nova forma, um novo tipo de perfil dentro do ativismo digital brasileiro. Como nos ensina Joyce, em seu livro '*Digital Activism Decoded: The New Mechanics of Change*', 2010, o valor de uma ação ativista digital não é uma tarefa fácil de ser mensurada. Segundo a autora, precisamos dos contextos e dos efeitos dessas ações para conseguirmos atribuir o valor desse trabalho ativista. E este é um dos objetivos que este trabalho pretendeu focar. A tentativa de dar valor qualitativo ao trabalho desses ativistas ao demonstrar o seu papel e a sua participação ativa nos rumos deste importante evento político.

O nosso propósito é estruturar uma pesquisa, através da análise de conteúdo dos dados coletados de forma secundária, que consiga apontar os caminhos para a uma compreensão de forma mais aprofundada do trabalho desses perfis ativistas. Vamos tentar entender como, durante a CPI, a Comunicação em Rede foi construída e realizada por estes perfis anônimos e pode contribuir com a ampliação de um novo comportamento, uma nova função no que tange a participação ativista digital por meio do trabalho focado nas ferramentas da comunicação em rede social digital.

Capítulo 2

2. Os desafios e as estratégias de combate à desinformação digital

2.1. A formação de uma rede social online

Para sustentação teórica da nossa pesquisa, precisamos iniciar esse trabalho categorizando o que consideramos como uma rede social digital. Para tal, usaremos a metáfora de *grafos* para descrever as interações sociais nas redes digitais que podem apontar caminhos teóricos de categorização e organização desse espaço. Segundo Gil Ferreira, em seu livro "Sociologia dos Novos Media", publicado em 2018, os *nós* dentro da metáfora dos *grafos* vão representar os indivíduos ou entidades dentro de uma rede social.

Portanto, cada *nó* é identificado como sendo um ponto de conexão que pode ser representado tanto por um usuário, por uma organização ou por qualquer outro agente social. Para este trabalho focaremos na aplicação dessa teoria no nosso contexto das plataformas digitais, onde esses *nós* serão identificados pelos perfis dos usuários pesquisados, que incluem informações como nome, foto e outros dados pessoais que possam nos ajudar a construir uma identidade online.

Outro ponto importante apresentado por Ferreira que nos será útil para a compreensão da formação dessa rede social online que vamos analisar é a denominação das *Arestas (Edges)*. Segundo ele, as *arestas* são as conexões ou relações entre os *nós*. Elas representam interações, como amizades, seguidores, compartilhamentos ou comentários. As *arestas* podem ser direcionais (indicando uma relação de um *nó* para outro) ou não direcionais (indicando uma relação mútua entre esses *nós*). A natureza dessas conexões pode variar, refletindo diferentes tipos de interações sociais, como apoio, colaboração ou conflito. A dinâmica nas redes também é debatida como a estrutura de um *grafo* (a disposição de *nós* e *arestas*) e pode influenciar a dinâmica social. Por exemplo, a centralidade de um *nó* (quão conectado ele está em relação a outros *nós*) pode afetar seu poder de influência dentro da rede. *Nós* centrais podem ter um papel crucial na disseminação de informações e na mobilização de ações coletivas (Ferreira, 2018).

Ainda nos debruçando sobre esta teoria, aprendemos também que a interatividade nas redes sociais é facilitada por essa estrutura de *grafos*, onde os usuários podem interagir de várias maneiras. Isso permite que as pessoas não apenas consumam conteúdo, mas também participem ativamente na criação e compartilhamento de informações, contribuindo para a formação de comunidades e movimentos sociais.

Como veremos neste trabalho, a identificação de *nós* e suas *arestas* será fundamental para definirmos os agentes dessas ações e com quem eles colaboraram para alcançar os resultados que buscamos para a nossa pergunta de partida.

2.2. A formação de uma rede social de indignação

"The Power to do something, Hanna Arendt (1958) notwithstanding, is *always* the power to do something against someone, or against the values and interests of this "someone" that are enshrined in the apparatuses that rule and organize social life". Castells, M. 2009. P.13.

Durante a pandemia da covid-19 passamos por momentos transformadores no entendimento do papel das Mídias Sociais. Neste período, passamos a ter uma dimensão mais clara do alcance midiático e da capacidade de mobilização digital com a formação dessas *redes de indignação* (Castells, 2017) e podemos perceber como o quanto destes acontecimentos debatidos na esfera *online* também puderam ganhar mais relevância, poder e força política para extrapolar este ambiente digital e dominar a *agenda setting* da mídia tradicional. Ainda segundo Castells, um dos princípios das formações dessas *redes de indignação* acontece:

"(...) porque as pessoas só podem desafiar a dominação conectando-se entre si, compartilhando suas indignação, sentindo o companheirismo e construindo projetos alternativos para si próprias e para a sociedade como um todo.(...)" Castells, M. 2017. P.199.

Portanto, se a "Comunicação é o compartilhamento de significado por meio da troca de informações" (Castells, 2009). Então, essa Comunicação é um importante fator indissociável para a política - tanto para os detentores do poder quanto para os cidadãos comuns.⁶

Também foi neste período pandêmico que fomos globalmente obrigados a dar cada vez mais atenção para as formas de participação política online e intensificarmos essas novas formas para exercer a nossa cidadania e a nos mobilizar de forma coletiva - mesmo estando isolados e impedidos de protestar nas ruas por questões sanitárias. Cidadãos que estavam interessados nas informações sobre os acontecimentos do seu entorno e também interessados em externar seus propósitos e suas crenças individuais também viram no uso das plataformas digitais a oportunidade para estar conectados e em consonância com os propósitos coletivos.

A relevância tanto das empresas de checagem dos fatos, assim como o crescimento de perfis individuais ou coletivos de ativistas digitais, iriam ganhar força para tentar colaborar com essa busca pela averiguação das informações. Esses impedimentos sanitários deixariam latentes na cobertura midiática o quanto o trabalho jornalístico está cada vez mais cooptado pelo jornalismo declaratório. Foi um período desafiador, onde novas práticas jornalísticas precisavam acontecer para sanar as necessidades por informação e visões com análises que fossem ao encontro dessas novas necessidades da sociedade. (Cardoso, 2023).

De acordo com Cardoso em seu livro "a Comunicação da Comunicação", publicado em 2023, o valor-notícia é um atributo que um acontecimento jornalístico possui, o qual lhe

⁶ Entendemos aqui por cidadão comum toda e qualquer pessoa que pretenda exercer o seu direito de estar informada sobre os acontecimentos do seu país e que tenha a vontade de participar do debate político.

permite ser mais do que uma simples notícia, sendo transformável em uma história interessante para uma determinada audiência. O valor-notícia é influenciado por fatores organizacionais, relacionados ao assunto e sócio-culturais.

A ênfase é dada ao que é considerado digno de notícia nesse campo específico, diferenciando-se de outras publicações jornalísticas especializadas. O valor-notícia é determinado pelos critérios editoriais e pelos princípios jornalísticos adotados por cada veículo de comunicação. Alguns dos critérios comuns para avaliar o valor-notícia incluem a relevância, a atualidade, a proximidade geográfica, o conflito, a novidade, o impacto social, entre outros.

O interesse pela notícia é um aspecto central no campo do jornalismo e está relacionado à motivação e curiosidade das pessoas em buscar informações sobre determinados assuntos. Cardoso, 2023, discute também o interesse pela notícia, as pessoas têm interesse em saber o que está acontecendo ao seu redor e o jornalismo desempenha um papel importante ao fornecer notícias sobre assuntos que possam ser relevantes para elas naquele momento, nos conta o autor. O jornalismo oferece informações sobre temas que podem despertar interesse pessoal e interesses partidários, desportivos, religiosos, geográficos, entre outros.

Refletindo sobre esse caminho teórico, queremos com este trabalho contribuir para explicar também que esse interesse pelo nosso objeto de estudo deve-se porque nesses períodos de grandes catástrofes e impedimentos de mobilização social nos meios tradicionais essa rede de informação online acaba também ganhando mais contribuição e mais influência, gerado e movido pela ideia de pertencimento em um momento histórico, onde todos estavam reféns da mesma situação.

Por isso, acreditamos que a formação dessa rede social online ativista pode contribuir para nos levar ao entendimento do valor-notícia da CPI da Covid e dos porquês que levaram o Brasil a se isolar do início da vacinação global e enfrentar uma crise sanitária de uma forma muito mais desastrosa que outros países.

Nós também entendemos que nem todas as notícias despertam o mesmo nível de interesse em todas as pessoas (Cardoso, 2023). Sendo assim, o jornalismo procura atender ao interesse público ao selecionar e apresentar as notícias de forma atraente e relevante. Mas também entender que o que estávamos testemunhando no *X/Twitter* durante esse período foi o fato dos usuários da plataforma selecionarem os seus próprios interesses, enquanto a grande mídia coube o papel de tentar pautar-se com a velocidade dos acontecimentos.

Como a prática da checagem de fatos é indispensável e indissociável de uma prática comunicacional jornalística comprometida com a busca pela veracidade dos fatos, a todo

momento novas formas de *fact-checking* nos são apresentadas com o objetivo de aumentar o engajamento e também para gerar relevância midiática entre as plataformas de mídia sociais digitais em busca do aumento de credibilidade. Em 2023, o *X/Twitter* noticiou a ampliação do seus recursos e que agora também possibilita a verificação de imagens falsas que foram geradas por plataformas de Inteligência Artificial (IA).

Hoje é sabido que qualquer informação publicada é um dado em si e que todos estes dados podem vir a ser usados como fonte para afirmar ou desmentir informações apresentadas e poderão vir a contribuir de forma relevante para uma comunicação que dialoga de forma mais transparente com os fatos apresentados. Sendo assim, se aplicarmos o que nos diz Cardoso em seu livro a '*Comunicação da Comunicação*' que quando a comunicação acontece ela está fomentando uma cultura. Essa Cultura, ainda segundo Cardoso, ainda vai possibilitar a geração de novos dados sobre esse processo de comunicação nestas plataformas de mediação (Cardoso, 2023).

"O meio não é a mensagem, mas contribui, a partir do tipo de comunicação que possibilita, para moldar a forma como socialmente domesticamos o meio e, conseqüentemente, como se constroem relações sociais e a própria cultura (Eco, 2018c)." Cardoso. 2023. P.18

Entendemos que a plataforma *X/Twitter* não é a nossa mensagem, mas que esse recorte na escolha desta plataforma é de fundamental importância para o entendimento da formação dessa nova cultura de checagem das fontes de informação para nos ajudar a no entendimento de que a prática jornalística do *fact-checking* torna-se então não somente o ponto de partida de um trabalho jornalístico, mas pode acabar tornando-se também um fim em si mesmo.

Então, se o meio não é a mensagem, mas as pessoas são a mensagem (Cardoso, 2023) é a partir deste entendimento que conseguimos organizar um pensamento teórico para demonstrar o porquê e o como as pessoas estão cooptando esses meios como ferramenta para a realização de um trabalho político ativista. Durante a pandemia da Covid, passamos a ter uma dimensão mais clara do alcance midiático e da capacidade de mobilização digital com a formação dessas *redes de indignação* (Castells, 2017).

Vimos que a participação política evoluiu ao longo do tempo, com o surgimento de novas formas de participação ao lado das formas tradicionais e que essas novas formas de participação têm sido particularmente eficazes para promover algumas mudanças. No entanto, vimos que há desafios associados a essas novas tecnologias, incluindo a exclusão digital, por exemplo, e a possibilidade de a desinformação se espalhar rapidamente. Mas, de modo geral,

sabemos que a participação política vai continuar a evoluir em resposta às mudanças nas condições sociais, econômicas e tecnológicas e essa observação faz-se extremamente relevante quando analisamos a realidade brasileira. Apesar de sermos um país com uma profunda desigualdade socioeconômica, também somos um dos países mais ativos do mundo nas plataformas de mídias sociais (Kaase , 2009).

2.3 Ativismo Digital no Twitter a participação transforma-se em ação

Pela primeira vez na nossa história tivemos durante todos os dias que aconteceram uma Comissão Parlamentar de Inquérito a colocação dos assuntos tratados nesta Comissão nos *Trendings Topics* da plataforma *X/Twitter* e também sempre deixando a *hashtag* #CPIdaCovid entre os principais assuntos debatidos no período. Isso não aconteceu apenas de forma espontânea, isso aconteceu devido ao trabalho e a mobilização desses perfis anônimos empenhados em colocar os holofotes em um assunto tão importante. Assim o assunto extrapolaria o *X/Twitter* para que ele passasse a ter não apenas a atenção dos usuários dessa mídia, mas a cooptação da sua participação e o seu envolvimento na própria CPI da Covid.

O negacionismo promovido pelo ex-presidente Jair Bolsonaro, juntamente com o jornalismo declaratório, tem causado impacto significativo na maneira como a opinião pública enxerga as mídias noticiosas. A comunicação é inseparável do contexto político, já que a visibilidade dos agentes públicos e o alcance de suas mensagens a uma ampla audiência dependem dos meios de comunicação. Esses meios desempenham um papel central na formação da opinião pública (Santos, Zinato, Gomes e Silveira, 2021).

A perda de confiança nos tradicionais meios de comunicação de massa contribuíram para transformar a plataforma *X/Twitter* como uma das principais ferramentas nessa competição também pela dominação da narrativa nas mídias sociais onde, inclusive, o Brasil destaca-se como a quarta base de usuários da plataforma no mundo.⁷ Podemos fazer uma reflexão sobre a participação política direta dentro do *X/Twitter* por meio de atos simples, mas não simplistas, como compartilhar uma petição pública on-line, por exemplo, ou compartilhar informações verificadas que refutem uma falsa notícia, ou seja, todas as ações que possam estar ao nosso alcance de forma digital e que nos permita participar e contribuir para a construção do debate democrático do nosso país.

"O Clicktivismo e outras formas contemporâneas semelhantes de engajamento estão desafiando a forma como entendemos a

⁷ Último acesso dia 12.06.24 [Dados Twitter](#)

participação política, e ignorá-los por causa do que eles não incorporam, em vez do que eles fazem, é seguir em frente de olhos fechados". Halupka, M. (2014)

Colocando uma lupa sobre o nosso objeto de estudo, o que começaria com o ato cívico de participação política online reativa por meio do clicks de compartilhamentos e likes transformou-se em uma ação ativa e que viria a dialogar com as disciplinas do jornalismo, tendo como a apuração dos fatos, comumente usado a expressão em inglês *fact-checking*, como sendo a grande arma política contra as inverdades ditas pelos inquiridos durante a CPI da Covid.

Complementando os nossos caminhos de debate do ativismo digital nos deparamos com vários exemplos que vão desde a 'Campanha do Barack Obama' à 'Primavera Árabe' para nos convencer de como a mobilização digital já está presente em várias sociedades e como pode ser bem sucedida em seus propósitos e como os governos e os ativistas estão entendendo que o uso dessas ferramentas podem vir a fazer a diferença e a colaborar de forma concreta com o aumento da participação e da visibilidade as causas em questões políticas (Joyce, 2010).

Assim podemos também entender que sem a participação, construída como base nessa *rede de indignação* (Castells, 2017), o trabalho destes ativistas talvez não teria alcançado uma projeção relevante e também não teria o reconhecimento tanto da mídia tradicional, quanto dos próprios Senadores da República Brasileira. Ou seja, sem a participação de todos os usuários engajados nesta plataforma durante os acontecimentos não teríamos obtido os mesmos resultados.

Mas até onde podemos chamar de participação cívica? (mesmo que de uma forma digital) e quando essa participação vai transformar-se em ativismo político? Onde estão os elementos que classificam que essa ponte foi cruzada pelos usuários das mídias digitais?

"In societies where political leaders and state institutions understand both the power of digital activism and the opportunity it presents for doing tasks differently, digital activists will likely be able to play a significant role as the structures of governance change." Joyce, M. (2010).P.103.

Um dos elementos que nos levam a classificar a participação desses usuários como ação ativista é o fato de podermos perceber e aprender como essa prática é possível ser ensinada, replicada e tornar esse tipo de atuação em uma prática de manifestação social legítima, eficaz e também segura pelas possibilidades de anonimato permitidos aos usuários da internet. Ou

seja, assim como já podemos classificar o *clicktivism* como uma prática de participação cívica (Halupka, M. 2014) acreditamos que o *fact-checking* pode ser classificado também como uma prática de ação ativista e esse acontecimento brasileiro veio contribuir para o nosso entendimento.

Também corroboramos com os teóricos que acreditam estarmos diante de uma transição, ainda que lenta, para um mundo onde o ativismo digital venha a desempenhar um papel na governança, pois, segundo esses autores, os indícios já começam a ser vistos como, por exemplo, o fato dos membros do Governo que já reconhecerem o surgimento do ativismo digital e a legitimar as suas formas de trabalho e as suas possibilidades de atuação política.

"Acting on the cultural codes that frame minds, social movements, social movements create the possibility of producing another world, in contrast with the reproductions of norms and disciplines embedded in society's institutions. By bringing new information, new practices, and new actors into the political system, political insurgents challenge the inevitability of politics as usual and regenerate the roots of our fledgling democracy." Castells. 2009. P. 412

2.4 Fact-checking: um banco de dados a favor da verdade

Deste então, vimos também que com o aumento dessa crise epistêmica do jornalismo brasileiro tanto novas empresas de checagem dos fatos, assim como novos perfis individuais de ativistas digitais, surgiram para tentar colaborar com essa busca pela veracidade das informações. Cada um à sua maneira, as instituições focando em analisar principalmente os dados apresentados nas declarações dos ocupantes de cargos do Governo, enquanto os ativistas digitais ficaram mais focados em criar uma base de dados a partir dos *tweets* deletados pelos próprios usuários (aqui com foco nos ocupantes de cargos no governo federal brasileiro) para possíveis exposições de tal arrependimento (ou tentativa de escamotear alguma informação ou fala publicada) em um futuro próximo.

"Se compreender a comunicação é, hoje, essencialmente o estudo da mediação algorítmica e nos ecrãs, também é necessário reafirmar que a mediação só pode ser compreendida se olharmos para ela como fenômeno social e não, apenas, tecnológico". Cardoso, 2023. P. 95

São alguns fatores que vamos aprender que estão contribuindo para esse surgimento de iniciativas e empresas direcionadas ao trabalho da checagem dos fatos. Entre eles podemos destacar 1) Declínio no Jornalismo: a deterioração notável nas práticas jornalísticas, o que

criou uma demanda por responsabilidade e verificação das informações. 2) Avanços tecnológicos: o fácil acesso à tecnologia facilitando a disseminação de informações e também das desinformações, provocando a necessidade de checagem de fatos para garantir a precisão dessas informações. 3) Conflitos Sociopolíticos: o aumento da agitação sociopolítica e o empoderamento público diminuído levaram a uma maior demanda por transparência e responsabilidade daqueles no poder, algo que as iniciativas de checagem de fatos buscam fornecer. 4) Globalização: À medida que o mundo se torna mais interconectado, as implicações da desinformação podem ter consequências internacionais, o que aumenta a necessidade do papel dos checadores de fatos. 5) Demanda Pública por Responsabilidade: Há uma expectativa crescente do público para que organizações e indivíduos no poder sejam responsabilizados por suas declarações, o que estimulou o estabelecimento de organizações de checagem de fatos. (Amazeen, M. A. 2019).

Entendemos que a cultura e a identificação jornalística são formadas a partir da discussão sobre os papéis que o jornalismo pode vir a desempenhar, sendo que nenhum dos seus papéis é considerado mais importante ou eficaz que os outros, uma vez que cada um tem sua função e propósito específico. Retratar os fatos como são, pode em um primeiro momento parecer a forma mais correta da prática jornalística, porém não é mais correta do que interpretar informações oferecendo críticas e demonstrando outras visões aos fatos. (Erreault, Kananovich & Hackett, 2022).

Canavilhas, em '*o jornalismo regressa às origens*', 2018, também vai nos trazer cinco características que classificariam como etiqueta para a elaboração do *fact-checking* para garantir a credibilidade dessa prática jornalística que seriam: a) O compromisso com o não partidarismo e a justiça; b) O compromisso com a transparência das fontes; c) O compromisso com a transparência do financiamento; d) O compromisso com a transparência da metodologia; e) O compromisso com correções abertas e honestas.

A popularização da prática do *fact-checking*, para além dos realizados pelos órgãos de mídia tradicionais, pode ter um papel relevante também como uma forma de estar presente ativamente, conscientemente e colaborativamente e até, às vezes, de forma a caracterizar-se como uma militância digital. Como a prática da checagem de fatos é indispensável e indissociável de uma prática comunicacional comprometida com a busca pela veracidade dos fatos, a todo momento novas formas de *fact-checking* nos são apresentadas com o objetivo de aumentar o engajamento e também para gerar relevância midiática entre as plataformas de mídia sociais digitais em busca do aumento de credibilidade.

"Twitter plays a key role in journalistic practices including, as we demonstrate here, influencing journalists' news judgment. Twitter's growing centrality in the news process warrants greater scrutiny from journalists and scholars." McGregor, S. C., & Molyneux, L. (2020). P. 597

O aprendizado para todos os usuários desta plataforma é que qualquer informação publicada é um dado em si e que todos estes dados podem vir a ser usados como fonte para afirmar ou desmentir informações apresentadas e poderão vir a contribuir de forma relevante para uma comunicação que dialoga de forma mais transparente com os fatos apresentados. (Cardoso. 2023)

Então, se o meio não é a mensagem, mas as pessoas são a mensagem (Cardoso, 2023) queremos nos aprofundar para entender como as pessoas estão cooptando essas mídias para a realização de um trabalho ativista. Para além da formação dessas redes colaboracionistas entre ativistas e parlamentares, a popularização da prática do *fact-checking* pode ter um papel relevante também como uma forma de estar presente ativamente, conscientemente e colaborativamente e até, às vezes, de forma a caracterizar-se como uma militância digital organizada em rede no *X/Twitter* com resultados concretos. (figura 2.1).

2.4.1 O 'negacionismo declaratório' na cobertura jornalística brasileira

Vimos esses compromissos serem aplicados não apenas por empresas dedicadas ao *fact-checking* no Brasil nos últimos anos, mas principalmente presenciamos o uso dessas premissas para uma checagem dos fatos ser cooptado como uma das principais ferramentas para o ativismo político digital na plataforma *X/Twitter* durante os trabalhos da CPI. Durante a CPI da Covid o *fact-checking* viraria uma verdadeira arma ou uma até uma estratégia de combate nessa batalha contra as *fake news*.

Esses usuários então estariam ao mesmo tempo ampliando essa comunicação mediada e também modificando as suas formas de estar presente nas redes sociais digitais com a prática do armazenamento dessas informações enquanto também fomentam e disseminam a cultura do *fact-checking* dentro do *X/Twitter* e ampliam as formas de relacionamento entre checadores e as fontes de informação.

De forma direta e indiretamente, esses usuários estariam moldando novas formas de usabilidade para a plataforma e colaborando para a formação e disseminação de uma nova cultura da checagem dos fatos principalmente ao que tange às manchetes baseadas apenas em declarações das fontes.

Segundo Castells, a "Comunicação é o compartilhamento de significado por meio da troca de informações" (Castells, 2009)⁸, então, vamos partir desta premissa para começar a compreender que a Comunicação vai precisar da legitimidade desses fatos que estão sendo informados para a manutenção da sua credibilidade. E é a partir desta premissa que também acreditamos que vamos começar a entender como a prática da checagem das informações está tornando-se uma ferramenta legítima e importante no combate às *fake news* não apenas no que tange a sua eficácia imediata, mas, principalmente, no seu papel de educar sobre a importância de se ater a credibilidade da fonte, de se preocupar e questionar a origem dos fatos informados que são apresentados e o cuidado com a análise crítica e a credibilidade dessas falas que são divulgadas de forma que não fique associado os devidos lastro que a sustentem.

"(...) that central to the persuasive power of digital disinformation is that they engage with powerful social narratives that people hold onto (Cabañes et al., 2019)."
Cabañes, J. V. A. (2020). P.436-437.

Desde o período eleitoral brasileiro em 2018, uma das principais formas de apresentação das informações das coberturas dos jornais diários foi realizada por meio do jornalismo declaratório, que devido às falas com objetivos sensacionalistas resultou em uma colaboração direta para aumentar o espaço no palco deste evento político e colocar holofotes para um novo momento da Comunicação no Brasil: as declarações de carácter negacionistas do então candidato Jair Bolsonaro. "Declaratório seria, para Kovach e Rosentiel (2010), o jornalismo que deixa as pessoas falarem, “sem qualquer esforço para checar os fatos ou desafiar asserções ou perguntar por evidências [...]”. Nesse sentido, os produtos jornalísticos estariam amplificando as vozes que desinformam, e não exercendo o papel de fazer circular informações precisas e confiáveis." (Araújo & Teixeira, 2023).

"(...) “cabe ao repórter apenas a tarefa de coletar as declarações das fontes, sem nenhuma preocupação em saber se as informações são verdadeiras ou não”(Rubim & Colling, 2006, p. 181). Já para Oliveira (2018), por mais contraditório que seja o uso das declarações, elas são necessárias para o jornalismo, principalmente para o jornalismo diário. O problema é quando não se verifica devidamente uma declaração importante, isso pode ser uma “arma midiática letal” (Oliveira, 2018, p. 55).

⁸Tradução Livre do autor. Original: "Communication is the sharing of meaning through the exchange of information" Castells, M. Communication Power (2009) P. 54

Concomitantemente, com o aumento desse comportamento negacionista por parte do então candidato à Presidência da República, tornou-se prática comum dentro do jornalismo brasileiro a disputa pelos cliques da audiência para chamar a atenção e destacar nas publicações cada vez mais a declaração sensacionalista do entrevistado do que destacar a análise crítica do que foi dito por ele, trazendo fatos e contrapontos ao que foi declarado muitas vezes apenas no meio da matéria atingindo apenas leitores mais atentos e comprometidos com a busca pela contextualização das informações .

"(...) novo contexto da mediação, com a presença da web e redes e mídia sociais, pode ser tanto uma bênção como uma maldição para o “cidadão informado”, pois se os cidadãos, politicamente interessados e motivados, podem tirar partido de novas ferramentas de acesso a fontes primárias, verificar os factos e trabalhar em rede com outros cidadãos para recolher informação, já para muitos outros a quantidade de informação disponível aumenta de facto as lacunas no conhecimento, tornando mais fácil para os cidadãos menos interessados serem também menos informados"(Prior, 2005; Thorson, 2012; Kligler-Vilenchik, 2017). (Cardoso, 2023, P.119-120).

O jornalismo declaratório que fomos habituados anos antes do início da pandemia seria então tanto causa quanto consequência da disseminação apenas das falas desses personagens políticos. A informação digital sedenta pela luta da atenção dos usuários vai usar as falas polêmicas dos entrevistados como premissa e também como finalidade dentro do trabalho noticioso na cobertura dos fatos políticos. Títulos polêmicos e notícias acríticas que também ajudariam a contribuir para a construção de inverdades, ou verdades incompletas e espalhariam como pólvora via plataformas de troca de mensagens online e transformaria o trabalho da checagem das falas dessas fontes em um maldição de sísifo.

2.5 A forma também pode ser um conteúdo?

"Twitter allows for a sort of virtual collocation, which journalists use to construct narratives and engage in community discourses (Mourão, 2014). "McGregor, S. C., & Molyneux, L. (2020). P.598.

A forma como somos expostos a essas *Hard News* nas mídias digitais, em especial no *X/Twitter*, é uma forma reducionista e limitada de termos acesso às informações muitas vezes

por especificidades técnicas da própria plataforma - que limitam o número de caracteres e as formas de como uma notícia deve ser apresentada nesta rede digital especificamente.

"Percebe-se até aqui que uma das características do JD é colocar as declarações contidas nas notícias como se fossem fatos concretos, que falam por si só. É o que Sponholz (2009) classifica como “declarações descritivas” que têm a pretensão de verdade." (Cardoso. 2023. P.119-120).

Por isso, quando escolhemos deliberadamente divulgar em destaque apenas a declaração negacionista do entrevistado como forma e conteúdo para aumentar a atração do público para clicar no *link* da matéria para levar a audiência para acessar a notícia completa publicada originalmente fora da plataforma do *X/Twitter*, cooptando essa audiência para o veículo, na verdade estamos diante de um dilema comunicacional.

"A cultura mediatizada é produto da forma como a informação é produzida, a sua posse gerida e a sua autenticidade negociada, pois são essas as dimensões que, através da difusão cultural, moldam a forma como vivemos e entendemos o nosso cotidiano."(Cardoso, 2023. P. 295).

Esse aspecto dicotômico acontece pois a declaração como informação por si só já será recebida e compartilhada e receberá o tratamento noticioso como sendo a grande notícia em si dentro desta plataforma. Essas declarações serão divulgadas sem as devidas críticas e adendos que possam ajudar as pessoas a lerem a declaração de forma crítica. Os destaques do debate, identificados de forma pública pela *feature* conhecida como *trend topics*, dentro do *Twitter* estarão focados na literalidade do que foi declarado, na fala negacionista do entrevistado, que será divulgada de forma massiva, seja pela concordância com o que foi dito ou pela catarse diante do absurdo contido na declaração.

Assim, a Comunicação da Comunicação (Cardoso, 2023) dessas notícias pode levar a mais desinformação e legitimar falas negacionistas do que realizar contrapontos e criar um ambiente onde possamos discutir sobre as informações que foram declaradas. Podemos entender então que se a comunicação vive essa relação simbiótica com a política (Cardoso, 2023) não poderemos separar o aumento da literacia do *fact-checking* do *empoderamento* do conhecimento midiático desse novo cidadão informado sobre os fatos e personagens da política do seu país.

"(...) A mediação e a textura a ela associada moldam e filtram a experiência da nossa realidade cotidiana. As representações, à

vez singulares e múltiplas, fornecem-nos os critérios e as referências para a condução da vida individual e em sociedade, e para a produção, manutenção e reprodução do senso comum (Silverstone 1999: 20)."(Cardoso, 2023. P. 95).

As mídias sociais, especialmente o *X/Twitter*, já demonstraram o seu desempenho com um papel crucial na cobertura de grandes catástrofes proporcionando acesso imediato a conteúdo gerado por usuários (sigla em comumente usada em inglês UGC) Observa-se que durante essas crises como ataques terroristas, por exemplo, os jornalistas frequentemente enfrentam altos níveis de incerteza e podem não ter acesso a fontes tradicionais de informação.

Nessas situações, eles recorrem às mídias sociais para obter atualizações em tempo real e perspectivas sobre os acontecimentos. No entanto, também levanta preocupações sobre os processos de verificação empregados pelos jornalistas, já que muitos não verificaram adequadamente a autenticidade das informações compartilhadas nas mídias sociais antes de publicá-las. No geral, as mídias sociais servem como uma ferramenta vital para os jornalistas embora também apresentem desafios relacionados à precisão e às práticas éticas de reportagem (Rauchfleisch, A., Artho, X., Metag, J., Post, S., & Schäfer, M. S, 2017).

2.6. A CPI da Covid e o fenômeno do *second screen* em um evento político

A comunicação mediada entre os espectadores de programas de televisão em tempo real, por meio de redes sociais e aplicativos móveis, é classificada como uma experiência de “segunda tela”, conhecida também como “TV Social”. Nesse contexto, os espectadores assistem ao programa em uma tela, enquanto utilizam outra, como um smartphone ou tablet, para interagir sobre o conteúdo. Essa área de pesquisa tem crescido rapidamente, com acadêmicos observando tendências significativas relacionadas à interatividade da TV Social, que têm grande impacto nas linhas de pesquisa sobre os conteúdos e as transformações dessas experiências midiáticas. (Auverset & Billings, 2016).

A *Social TV* permite que os espectadores interajam com o conteúdo televisivo enquanto utilizam simultaneamente outro dispositivo para se comunicar com outras pessoas. Esse duplo engajamento transforma a experiência de assistir televisão de algo passivo para uma experiência ativa e interativa, promovendo um senso de conexão entre os espectadores. A *Social TV* tem integrado cada vez mais as plataformas de mídias sociais, especialmente o *X/Twitter*, para facilitar discussões em tempo real entre os espectadores.

Essa mudança permite que o público comente e interaja com os programas de televisão enquanto eles estão sendo transmitidos em tempo real, transformando a experiência de assistir

de uma atividade solitária, individual para uma experiência comunitária, coletiva. A proliferação de smartphones e tablets também levou ao aumento das experiências de segunda tela, onde os espectadores usam um dispositivo para assistir a um programa e outro para interagir com outras pessoas. Esse duplo engajamento aumenta a interatividade e proporciona uma experiência de visualização mais imersiva. (Auverset & Billings, 2016).

Os tipos de interações e conteúdos compartilhados nas mídias sociais se diversificaram. Os espectadores não só reagem ao conteúdo exibido, mas também participam de discussões antecipatórias sobre episódios futuros, demonstrando uma gama mais ampla de engajamento. No geral, a evolução da *Social TV* reflete uma mudança em direção a experiências de visualização mais interativas e orientadas pela comunidade, impulsionada pelos avanços tecnológicos e pelas preferências em mudança do público (Auverset & Billings, 2016).

As discussões e interações que ocorrem nas mídias sociais podem influenciar a direção narrativa de um programa de entretenimento, por exemplo. O feedback do público e as teorias compartilhadas online podem impactar como roteiristas e produtores desenvolvem enredos, levando a uma abordagem mais orientada pelo público na criação de conteúdo.

A variedade de interações nas mídias sociais—desde *live-tweeting* até o compartilhamento de memes—permite uma rica gama de engajamento do público. Essa diversidade pode atrair diferentes demografias e promover uma experiência de visualização mais inclusiva, à medida que várias vozes e perspectivas são compartilhadas. Em resumo, a Social TV não só aprimora o engajamento do público, mas também remodela o cenário da criação de conteúdo midiático, do marketing e da avaliação, levando a uma experiência de visualização mais interativa e orientada pela comunidade. (Auverset & Billings, 2016).

No Brasil, esse modo de interagir coletivamente por meios das plataformas de mídias sociais já está bastante popularizado e vem ganhando força todos os anos em grandes eventos midiáticos, onde ocorre um enorme suporte realizado por meios de anúncios publicitários e ações de comunicação que estimulam a participação do público concomitantemente aos eventos (Ex. Big Brother Brasil, Campeonato de Futebol Brasileiro, entre outros). Ou seja, para os brasileiros interagirem com um evento político, transmitido em tempo real pela TV Senado, no mesmo *modus operandi* aos quais já estão familiarizados, pareceu um caminho natural e uma solução segura diante das circunstâncias enfrentadas pela covid-19.

Capítulo 3

3. A Análise do Conteúdo na Comunicação em Rede Social Digital

De acordo com a revisão de literatura supracitada, a presente investigação pretendeu explorar as seguintes hipóteses:

- 1) Como esses perfis conseguiram colaborar com os inquéritos de forma ativa nos trabalhos da Comissão Parlamentar?
- 2) Quais as percepções desses perfis sobre os resultados do seu trabalho durante a CPI?
- 3) Quais os resultados políticos e práticos desta atuação ativista para o cenário político brasileiro?

Em busca de responder estas hipóteses, iniciamos a nossa pesquisa na tentativa de entrar em contato de forma primária com os perfis ativistas, fosse para entender o modo como eles organizavam-se para colaborar com os senadores durante os inquéritos e como eles avaliam as consequências e as repercussões dessa colaboração após o final dos trabalhos da Comissão.

Primeiro passo foi entrar em contato com o perfil *@jairmearrependi* (figura 1), que em um primeiro momento concordou em ser entrevistado e depois não nos respondeu, apesar das nossas tentativas (anexo 7). Já no caso do perfil *@tesoureiros* (figura 1.1) desde o início dessa pesquisa manteve a sua página bloqueada para recebimento de mensagens, o que nos impossibilita qualquer tentativa de solicitação de entrevista.

Porém a principal característica da metodologia da análise de conteúdo qualitativa é o foco na compreensão e interpretação dos fenômenos sociais a partir da perspectiva dos participantes. (Cunha, 2004). Por isso, para a continuidade da nossa análise de conteúdo utilizamos quatro entrevistas previamente concedidas em 2021 e 2022 de forma secundária pelos porta-vozes destes perfis. Além do levantamento dos dados já disponíveis online, ou seja, os dados secundários por meio das postagens publicadas por esses perfis, que citassem a participação e a colaboração com os senadores na plataforma *X/Twitter* - aqui fizemos um recorte para dar destaque ao caso do ex-secretário de comunicação do Governo Bolsonaro-

por destacar-se dentro do relatório oficial da CPI como um dos principais momentos de atuação colaboracionista entre os perfis anônimos e os senadores.

E por fim, mas não menos importante, também selecionamos algumas notícias da repercussão registrada na cobertura jornalística dos principais veículos do Brasil relacionadas aos acontecimentos destacados nesta pesquisa. A partir desse amplo material coletado construímos a nossa base de dados empírica para um estudo de caso que nos permitisse realizar a análise de conteúdo por meio da recolha secundária e transversal de dados de rede dos ativistas digitais durante o acompanhamento da CPI da Covid no período entre 27 de Abril e 26 Outubro de 2021.

No livro "Sociologia dos Novos Media", Gil Baptista Ferreira, menciona que a estrutura das redes sociais digitais pode ser analisada por meio de *grafos*, onde cada usuário seria um *nó* e as conexões entre eles seriam as *arestas*. A análise de *grafos* será também uma ferramenta importante para entender as relações sociais nas plataformas digitais. Ao mapear os *nós* e *arestas*, podemos identificar padrões de interação, comunidades emergentes e a propagação de ideias ou comportamentos dentro dessa rede. Essa representação teórica vai nos ajudar a entender como as identidades desses perfis foram construídas durante esse período da CPI e como essas relações sociais manifestaram-se de forma online entre os autores ou *nós* dessa ação ativista.

Para esta investigação tomamos também a decisão de selecionar como objeto de estudo os dois principais *nós* dessa rede de perfis ativistas que foram reconhecidos pelos senadores, ao citá-los no relatório final desta CPI, por colaborarem para a construção dessa rede.

Analisaremos também, dentro da perspectiva desses perfis, como esse ecossistema de comunicação em rede foi construído recentemente no Brasil e conseguiu contribuir para alavancar tanto a audiência desses próprios perfis, transformando-os de perfis desconhecidos para os perfis mais influentes dentro desse território e como eles conseguiram colaborar para transformar uma Comissão Parlamentar de Inquérito em um evento midiático atraente e relevante ganhando os holofotes entre os muitos debates e acontecimento dentro do *X/Twitter*.

Acreditamos que essa metodologia é a que melhor vai nos ajudar a estruturar e organizar esses *nós* por meio dos dados qualitativos obtidos, facilitando assim a interpretação e a análise das informações coletadas durante esta pesquisa. A análise de conteúdo dos dados levantados também vai colaborar para que possamos efetuar uma reflexão crítica contribuindo para a um entendimento mais tangível e organizado de forma linear dos acontecimentos. (Mendes & Miskulin, 2017).

Sendo assim, partimos de uma questão de pesquisa, selecionamos os sujeitos relevantes (aqui selecionamos os perfis ativistas supracitados) para esta pesquisa, recolhemos os dados (postagens na plataforma *X/Twitter*, entrevistas realizadas por terceiros e publicações em veículos de mídia tradicional brasileiros), interpretamos/organizamos estes dados, conceituamos teoricamente este dados de acordo com a revisão de literatura nosso trabalho e conseguimos alcançar alguns questionamentos críticos a partir desta análise inicial (Bryman, 2012).

Capítulo 4

4. Caça ou Caçador: a reversão de papéis durante a CPI da Covid

4.1. O começo de tudo (ou a formação dos nós e de suas arestas)

Desde que começamos a nos aprofundar na análise do conteúdo para o entendimento da comunicação realizada pelos responsáveis/porta-vozes pelos perfis anônimos ativistas *@tesouheiros* e *@jairmearrependi* identificamos que o começo de tudo aconteceu muito antes de entrarmos em um estado pandêmico. Os primeiros passos em direção a esta mobilização ativista digital durante a CPI da Pandemia aconteceria ainda em 2018. Inspirados pelo perfil estadunidense *@TrumpRegrets* esses perfis brasileiros surgiram no *X/Twitter* já apostando no arrependimento e na insatisfação futura dos cidadãos ao recente governo eleito da mesma forma que tínhamos visto acontecer nos Estados Unidos, após o pleito que elegeria Donald Trump Presidente.

"Eu tinha em mente que o eleitor do Bolsonaro votou no “mito” enquanto figura heroica, mas também como algo que não existe. Cada eleitor do Bolsonaro votou em um Bolsonaro diferente. Tinha o Bolsonaro liberal, o ditatorial, o contra privatizações, a favor, o católico, o protestante. Então, inspirando-me em um perfil americano chamado Trump Regrets criei o perfil e deixei ele no cantinho. Responsável pelo X/twitter *@jairmearrependi* Depoimento (Jun, 2022). Entrevistador: Bárbara Marra. Ouro Preto: Universidade Federal de Ouro Preto, 2022.

Podemos observar que de acordo com as próprias declarações dos responsáveis destes perfis, eles não começaram este trabalho com o objetivo claro de construir uma rede ativista

digital de informação organizada para o combate a desinformação. Tudo, na verdade, começou como apenas uma forma de estar presente, de ser *nós*, durante os debates dentro da plataforma *X/Twitter*.

"A única experiência que eu tinha era ser usuário do *Twitter*, e só. Eu criei o perfil no final de 2018, após a eleição, e era um perfil irônico só para comentar sobre o governo. Eu não tinha a menor pretensão de um dia acabar se transformando no que é hoje, como, por exemplo, nossa participação na CPI." Entrevista concedida por um dos membros do perfil *@tesoureiros* ao Jornal laboratório do curso de Jornalismo da UFSC. Dez, 2021.

"Eu só não esperava que fosse virar o sucesso que foi e tão rápido. Mas só queria me deliciar no *Schadenfreude* mesmo." conta o responsável pelo *X/twitter* *@jairmearrependi* Depoimento (Jun, 2022). Entrevistador: Bárbara Marra. Ouro Preto: Universidade Federal de Ouro Preto, 2022.

Entendemos também que a escolha do anonimato ao criar estes perfis trouxe a liberdade que esse anonimato pode oferecer. Essa camada de proteção trazida para estes novos perfis, permitiu que eles se expressassem e se organizassem sem medo de perseguições diretas. Isso é especialmente relevante em regimes com tendências autoritárias, onde a repressão a vozes dissidentes é comum. (Megiddo. 2020. P.01)

Sabemos que as interações nas plataformas digitais geram dados que podem ser rastreados e analisados. Isso significa que, mesmo que os ativistas tentem manter o anonimato, suas atividades online podem ser monitoradas pelos governos. Ou seja, a coleta de dados pode levar à identificação de ativistas e à repressão de suas atividades, criando assim um ambiente de medo e autocensura. (Megiddo. 2020. P.36).

Esse ponto é extremamente relevante para os caminhos e possibilidades ativistas apresentados por este trabalho. O anonimato será uma característica primordial da atividade realizada por estes perfis durante todo o acompanhamento da CPI da Covid.

“(…) A covardia da ameaça vem do momento em que sua vida está exposta, mas a de quem te ameaça não está. Eles vão ameaçar quem? O quê? Onde? Aliás, essa é a única vantagem do perfil anônimo. Quando uma ameaça desse tipo chega, eu faço rir. A pessoa tá falando “sozinha”.” Declara *@jairmearrependi*. Entrevista concedida à sétima edição da Revista digital Híbrida. 2021.

Todavia especificamente no nosso estudo de caso o que detectamos foi que o que estava acontecendo no Brasil era justamente um movimento em oposição a essa norma citada

por Megiddo. Os rastros digitais que começaram a ser detectados, explorados e analisados seriam os rastros digitais deixados pela nova gestão do Governo Federal. Ou seja, os perfis que tinham sido criados sob o anonimato com o objetivo primário de ser apenas uma forma segura, sem autocensura, de participação cívica tinham encontrado um terreno fértil de dados escamoteados, que poderiam ser usados como ferramentas no combate à desinformação criada e divulgada pelo próprio Governo. O que teria nascido para ser apenas uma forma de participar do debate agora encontraria eco nos Dados para transformar essa participação em uma ação de combate ativista.

Podemos estabelecer aqui então que a partir desse momento esses perfis entenderam que por meio do trabalho de checagem e da divulgação dessas informações poderiam mais do que participar ativamente desse debate, mas poderiam colaborar de forma concreta munindo a oposição ao Governo e os jornalistas com dados relevantes para a realização dos inquéritos e para matérias que conseguissem dar visibilidade aos crimes cometidos pelo próprio Governo.

"Em janeiro de 2019, eu recebi uma DM [mensagem direta] de uma pessoa dizendo: “Olha, tá acontecendo uma coisa esquisita. Estão apagando os vídeos com temáticas de esquerda e progressistas na tevê do Instituto Nacional de Educação de Surdos [TV INES]”. Aí fui conferir e vi que realmente os vídeos estavam sumindo, procurei na internet, no histórico, e eram vídeos que estavam disponíveis em janeiro, ou seja, tinham sido apagados durante o governo de Jair Bolsonaro. Então eu organizei tudo isso num fio, postei no *Twitter* e bombou, bombou muito. Gerou matérias de jornal". Entrevista concedida por um dos membros do perfil *@tesoueiros* ao Jornal laboratório do curso de Jornalismo da UFSC. Dez, 2021.

É sabido que uma das grandes batalhas de qualquer movimento ou participação ativista é conseguir ganhar visibilidade e holofotes para as suas atividades, porque alcançar visibilidade é caracterizado como uma moeda escassa e altamente contestada pelos movimentos ativistas. Ou seja, conseguir alcançar relevância dentro da *agenda setting* da grande mídia não é uma tarefa fácil. (McCosker, A. 2015).

Esses perfis, ainda antes da CPI da Pandemia, começaram a vislumbrar dentro desse movimento de checagem dos fatos uma forma de não apenas participar dessa luta pela narrativa, pelo debate político dentro da plataforma do *X/Twitter*, mas também de conseguir estabelecer um modo claro de trabalho na luta pela relevância dos assuntos debatidos. Os perfis anônimos agora tinham entendido que eles tinham acesso a um dos insumos mais poderosos da comunicação social digital mediada em rede de forma online: os dados.

"O governo Bolsonaro, basicamente, acontece no *Twitter*. Às vezes, alguma coisa pega mal na base dele e aqui, nas redes sociais, eles já revertem. Recentemente, por exemplo, a medalha da Ordem do Mérito Científico concedida ao Marcus Lacerda [pesquisador contrário ao uso de cloroquina para o tratamento da Covid] pegou mal nas redes bolsonaristas e acabou sendo retirada. Eles são muito pautados pelo que acontece nas redes sociais. Hoje em dia, sinto que a mídia não tem mais pena de bater no bolsonarismo, mas ainda assim, não consegue cumprir os assuntos mais obscuros, por ser muita sujeira ao mesmo tempo." Entrevista concedida por um dos membros do perfil *@tesoureiros* ao Jornal laboratório do curso de Jornalismo da UFSC. Dez, 2021.

Analisando qualitativamente esses acontecimentos durante a CPI da Covid, por meio do ponto de vista destes ativistas declarado nas entrevistas, foi possível entender em mais profundidade como esses perfis colaboraram não apenas para movimentar o interesse e o debate político em torno da CPI da Pandemia no *X/twitter*, mas também como conseguiram pautar as mídias tradicionais sobre o trabalho que estava sendo realizado no Senado da República naquele momento.

A Comissão Parlamentar de Inquérito depois assumiria que muitas das suas perguntas foram construídas e embasadas em fotos, vídeos, postagens nas mídias sociais digitais e todo o tipo de dado enviado por esses perfis para refutar as defesas dos acusados. Colaboração esta entre senadores e perfis ativistas que foi reconhecida e citada no relatório final pelas lideranças responsáveis pela CPI da Covid. Essa colaboração ainda foi citada como sendo uma relação de extrema importância para transformar este evento em um marco na história dos trabalhos políticos recentes do nosso país.

4.2. Colaboração pública como estratégia de Comunicação

Esses usuários então estariam ao mesmo tempo ampliando essas *arestas* dentro de uma comunicação em rede online. Esses *nós* estariam conseguindo alcançar sem a necessidade do intermédio da mídia tradicional os holofotes. Eles também estariam modificando as suas formas de atividade dentro das redes sociais digitais. Tudo sustentado na prática do armazenamento dos dados e na divulgação dessas informações, após checagem dos fatos. Assim, esses perfis ativistas conseguiram também fomentar e disseminar para outros usuários dentro da plataforma a cultura do *fact-checking* dentro da plataforma *X/Twitter*.

"Acho que o meu trabalho e o dos outros perfis que atuaram na cobertura foram essenciais para consagrar um novo modelo de democracia digital (...). Acredito que o meu maior papel de influência foi desejar que o Brasil (ou ao menos o Twitter) acompanhasse os depoimentos e consegui. Recebi muitas mensagens de gente que só passou a acompanhar graças ao perfil. Refletem @jairmearrependi. Entrevista concedida à sétima edição da Revista digital Híbrida. 2021.

De forma direta e indiretamente, esses perfis estariam moldando novas formas de usabilidade para a plataforma no Brasil e colaborando para a formação e a disseminação de uma nova cultura da checagem dos fatos, principalmente ao que tange o combate ao jornalismo declaratório e a disseminação de *Fake News*.

"Na *Wayback Machine*, muita coisa eu salvava, mas muitas vezes eu acessava e alguma alma santa já tinha salvado. Todas as campanhas de desinformação apagadas estão lá, registradas. Campanha da Secom [Secretaria Especial de Comunicação Social] dizendo que cloroquina é o tratamento mais eficaz do mundo para a Covid? Eles apagaram, a gente resgatou, tá tudo salvo lá. Além de coisas que estão disponíveis até hoje nas redes sociais do governo e eles nunca fizeram questão nenhuma de esconder. Isso foi um crime que aconteceu por mais de um ano, a olhos vistos, por muitas frentes diferentes do governo federal. Existia tanta informação que o risco não era de não encontrarmos provas: era de ter prova demais e não darmos conta de juntar tudo." Entrevista concedida por um dos membros do perfil @tesoureiros ao Jornal laboratório do curso de Jornalismo da UFSC. Dez, 2021.

Segundo Ferreira (2018), essa interatividade nos novos meios altera a forma como os indivíduos comunicam-se, promovendo uma nova dinâmica entre emissor e receptor. Para o autor, a cidadania digital é entendida como a capacidade dos indivíduos de participar ativamente na sociedade por meio de plataformas digitais. Isso inclui não apenas o acesso à informação, mas também a habilidade de criar, compartilhar e interagir com conteúdos online.

O autor enfatiza ainda que a cidadania digital não é apenas uma extensão da cidadania tradicional, mas uma nova forma de engajamento que se adapta às dinâmicas da era digital (Ferreira, 2018. P140). E nós acreditamos que esses perfis começaram exercendo sua cidadania digital e extrapolando as barreiras da participação cívica e dedicando-se, organizando e mobilizando outros cidadãos em torno do ativismo online.

"O maior resultado da CPI foi a revelação do desinteresse da esfera federal em acompanhar a ciência para lidar com a pandemia e produzir vacinas. A popularidade de Bolsonaro chegou ao pior patamar graças à comissão, porque as pessoas começaram a tomar conhecimento dos fatos. Acho que a CPI fez o seu trabalho de investigar bem no geral, mas o resto do processo, infelizmente, depende de outras esferas pouco interessadas em resolver a questão, como Augusto Aras, da PGR." Conclui *@jairmearrependi*. Entrevista concedida à sétima edição da Revista digital Híbrida. 2021.

Durante a CPI da Covid, acompanhamos esse trabalho de interação desses perfis com os usuários, seja pelo grande número de seguidores alcançados ou pelos compartilhamentos dos posts, foi fundamental para que esse movimento alcançasse os holofotes e atingisse diretamente a Comissão Parlamentar, com destaque para o Senador Randolfe Rodrigues, vice-presidente da CPI.

"Eu interagi muito com os perfis dos políticos, como o Senador Randolfe, marcando-os em temas relevantes para a condução da CPI e aconteceu dele interagir de volta. Essa relação abriu uma brecha para que contatos entre assessores fossem feitos. Mas com os políticos mesmo, não. E até prefiro assim porque fica tudo público, todo mundo acompanha, interage, participa, corrige, acrescenta." Explica, *@jairmearrependi*. Depoimento (Jun, 2022). Entrevistador: Bárbara Marra. Ouro Preto: Universidade Federal de Ouro Preto, 2022.

As plataformas digitais, como redes sociais e aplicativos de mensagens, são essenciais para a mobilização de ativistas. Elas permitem que os indivíduos se conectem, compartilhem informações e organizam protestos de maneira rápida e eficaz. Essa capacidade de comunicação instantânea é crucial para a coordenação de ações coletivas e para a disseminação de mensagens. (Megiddo. 2020. P.1) Apesar de sua utilidade, a dependência dessas plataformas também torna os ativistas vulneráveis à censura e ao controle governamental.

"(...) Lembrando que, em 2019, em janeiro, ainda estava tudo às mil maravilhas, a mídia ainda estava encantada com ele (Bolsonaro). E, até aí, eu era um tuiteiro normal, falando besteira na internet. Mas, nesse momento, eu percebi que eu, naquele perfil, conseguiria fazer muito mais do que aquilo que consigo fazer como pessoa física." Entrevista concedida por um

dos membros do perfil *@tesouheiros* ao Jornal laboratório do curso de Jornalismo da UFSC. Dez, 2021.

Porém, enquanto as plataformas digitais são ferramentas poderosas para o ativismo, a sua dependência também traz desafios significativos relacionados à censura, a vigilância e a sua manipulação. Os ativistas precisam estar conscientes desses riscos e buscar formas de mitigar essas vulnerabilidades. (Megiddo, 2020). Apesar do caráter anônimo da identidade destes perfis a escolha pela total transparência do modo escolhido de trabalho por eles foi uma estratégia deliberada em resposta ao combate dessa vulnerabilidade analisada por Megiddo.

A transparência estratégica do *modus operandi* desses perfis também ajudou a conquistar a confiança dos usuários e a aumentar o engajamento simulando a participação dos usuários nos moldes da *Social TV* ao evento de entretenimento, porém desta vez estávamos engajados, em *real time*, em em torno dos debates políticos da Comissão Parlamentar de Inquérito.

"Exato! Foi um trabalho de muitas mãos e eu nem seria capaz de dizer a todas as pessoas que contribuíram. Alguns dos nossos grupos [de voluntários] tinham em torno de 200 pessoas. Inicialmente, eram grupos do *Telegram* com outros perfis anônimos do *Twitter* para conversar sobre o governo. Após a CPI, foram entrando assessores e pessoas interessadas, tudo foi crescendo e hoje temos pelo menos uns 10 grupos de assuntos relacionados à CPI, com pessoas diferentes, com funções e níveis de acesso diferentes." Entrevista concedida por um dos membros do perfil *@tesouheiros* ao Jornal laboratório do curso de Jornalismo da UFSC. Dez, 2021.

4.3. O Brasil parou para assistir: O *fact-checking* no caso Secom

O que até o momento tínhamos como espectadores a noção de estar presenciando apenas uma ação caracterizada como uma *aresta direcionada*, ou seja, indicando uma relação de um *nó* para outro - aqui materializada pelo trabalho dos perfis ativistas que marcavam os senadores em suas postagens e tentavam todo o tipo de estratégia dentro da plataforma para chamar a atenção deles. Seríamos testemunhas de que esta rede evoluiria durante esse processo e passaria a ter características de uma *aresta não direcionada*, indicando uma relação mútua entre esses *nós* ativistas e os *nós* senadores.

Relação esta que também ficaria escancarada ter ultrapassado a plataforma *X/Twitter* e teria tomado proporções maiores e com meios mais eficazes de troca de informações e colaborações diretas entre os perfis ativistas e os assessores de comunicação dos senadores (anexo 3).

Como poderemos verificar em depoimento do Senador Randolfe (anexo 6.4 e 6.5) O *fact-checking* colaborativo entre os perfis ativistas e a Comissão Parlamentar de Inquérito já estava estabelecida e iniciada desde o mês de Abril. Todavia o dia 12 de maio de 2021 com o depoimento do ex-secretário das Comunicações do governo, Fabio Wajngarten, que o entendimento da rede de colaboração criada entre estes ativistas digitais e os senadores iria extrapolar a plataforma *X/Twitter* e chegaria em todos os grandes veículos de comunicação do país.

O inquérito teve o seu ápice (figura 3.3) quando o Wajngarten afirmou durante o seu depoimento não possuir nenhum envolvimento direto na campanha “O Brasil não pode Parar” - que foi veiculada nas redes oficiais do governo federal em março de 2020 (Anexo 6.6). O vídeo da Campanha em questão pregava o não cumprimento das normas de isolamento social recomendadas pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e destacava que continuar ignorando este isolamento era a única opção para fomentar a economia e salvar o Brasil naquele momento em meio à crise sanitária.

Em sua defesa Wajngarten, afirmou que ele não poderia ter participado desta Campanha justamente porque durante o seu período de elaboração e aprovação ele estaria afastado do seu cargo por ter contraído o coronavírus. Mas em tempo real, enquanto o ex-secretário dava este depoimento falacioso na TV Senado, no *X/Twitter* o perfil de *@Jairmearrependi* resgatou trechos de uma live realizada no dia 12 de março de 2020 entre o então Deputado Federal Eduardo Bolsonaro (PSL) e o depoente, onde Fábio admitiria que estava trabalhando normalmente durante aquele mês, inclusive aprovando campanhas na Secretaria Especial de Comunicação Social (Secom). (Anexo 3.2). Vídeo esse que foi usado pelos senadores ao mesmo tempo que podíamos assisti-los nos perfis ativistas.

"O post mais emblemático do perfil foi o que expôs a mentira de um depoente da CPI. Fábio Wajngarten, responsável pela comunicação do governo, depôs na CPI e disse que não teve envolvimento na aprovação de campanhas na ocasião da criminosa “O Brasil não pode parar”. Pro azar dele, eu assisti a uma entrevista com o Eduardo Bolsonaro, onde ele mesmo afirmou que, apesar da Covid, ele continuou bem em casa trabalhando, inclusive aprovando campanhas. Ele foi tão azarado que

eu parei de assistir segundos após essa declaração, então quando me dei conta da mentira, fui atrás do link e já estava na minutagem certa para clípar e publicar. Isso se espalhou como pólvora na internet, chegando a ser reproduzido ao vivo, direto do meu perfil na CPI. Esse post alcançou mais de 3 milhões de pessoas no Twitter, sem contar as pessoas que jogaram o vídeo em outras redes. Para além do número de visualizações, essa postagem mostrou a importância de considerar as redes nos debates e consagrou a relevância do perfil nas redes." Declarou, @jairmearrependi. Entrevistador: Bárbara Marra. Ouro Preto: Universidade Federal de Ouro Preto, 2022.

A partir desse momento não restava mais dúvidas, para todos que acompanhavam os trabalhos realizados pela CPI da Pandemia, que a participação desses perfis era feita de forma ativa e colaborativa com os Senadores da República. Ou seja, a participação destes perfis pode a princípio ser caracterizada como algo que nasceu de forma espontânea com objetivos de participação cívica, mas durante os meses da Comissão foi tomando forma e organizando-se durante o processo e caracterizando como os principais aliados dos Senadores da República e também dos jornalistas no trabalho da checagem dos fatos e falas apresentadas pelos depoentes. Inclusive essa espontaneidade inicial ser transformada em uma comunicação deliberada em rede pode ser caracterizada como algo esperado dentro das formações dessas redes. (Barabási, 2002).

"(...) O *print* [captura de tela] e os vídeos que usaram para desmentir ele durante a CPI, inclusive, foi a gente que mandou. E, nesse dia, aconteceu coisa demais nos bastidores! Foi naquele dia que a gente começou a contribuir expressivamente. No início, inclusive, os jornalistas estavam meio com dor de cotovelo de nós (sic), os “internautas”, estarmos participando. Mas, do meio para o fim da CPI, eles perceberam que nosso trabalho era sério". Entrevista concedida por um dos membros do perfil @tesouzeiros ao Jornal laboratório do curso de Jornalismo da UFSC. Dez, 2021.

Em declarações à Imprensa, também podemos analisar as falas dos Senadores da República (Anexo 6.4) envolvidos na Coordenação desta Comissão, onde reforçam o importante papel desses perfis ativistas anônimos e deixam de forma explícita as consequências nos trabalhos da Comissão e nos ajudam a entender o trabalho realizado por esses perfis para o sucesso midiático deste evento.

4.4. A importância da conquista da narrativa

Porém os resultados atribuídos à participação desses perfis não ficam apenas disseminação dos fatos ocultados pelo Governo. Os perfis foram responsáveis também por popularizar o debate e atrair a atenção dos brasileiros transformando a CPI da Covid em um evento com características de um evento de entretenimento. A narrativa do debate político dentro da plataforma do *X/Twitter* antes dominada pelos partidos de direita e pelo próprio Governo agora encontrariam também uma concorrência pela atenção dos usuários. A partir desse trabalho vimos um movimento sair da reação ao que era dito pelo Governo para uma ação em conduzir as pautas que deveriam ser debatidas e cobradas deste mesmo Governo.

"Nessa CPI, além de tudo, a gente conseguiu botar a bola no campo da gente e pressionar o governo durante muito tempo. Antes disso, a gente dia e noite era pautado pelos absurdos que o presidente fazia, apenas reagindo, sem conseguir emplacar as nossas pautas. E, a partir de agora, o que a gente quer é manter nossas pautas vivas, ativas, e poder cobrar do pessoal diretamente". Entrevista concedida por um dos membros do perfil *@tesouheiros* ao Jornal laboratório do curso de Jornalismo da UFSC. Dez, 2021.

A comunicação estabelecida por estes perfis foram fundamentais para conquistar essa narrativa dentro da plataforma e conseguir transpor esse *gatekeeping* estabelecido pela grande mídia alinhada à *agenda setting* do Governo. Para manter o interesse da audiência, eles não simulavam o padrão noticioso jornalístico. Pelo contrário, eles traduziam de forma simples, irônica e muitas vezes divertida os acontecimentos.

"Eu classifico como uma espécie de ciberativismo dos tempos atuais. O humor é capaz de furar bolhas que às vezes nem imaginávamos. Houve um período onde, vez ou outra, eu recebia mensagens de ex-eleitores do Bolsonaro dizendo que graças a um ou outro post meu começaram a abrir os olhos. Isso não tem preço." Conta *@jairmearrpendi*. Entrevista concedida à sétima edição da Revista digital Híbrida. 2021.

A dependência das plataformas digitais também expõe os ativistas ao risco de desinformação e manipulação. Governos e grupos contrários podem inundar as redes com informações falsas ou enganosas para desacreditar movimentos ou desviar a atenção de questões importantes. Isso pode dificultar a capacidade desses ativistas de comunicar suas mensagens de forma eficaz. Dada essa dependência e os riscos associados, Megiddo sugere

que os ativistas devem desenvolver estratégias de resistência digital. Isso pode incluir o uso de tecnologias que garantam maior privacidade, a criação de redes de comunicação descentralizadas e a promoção de uma maior transparência e responsabilidade nas plataformas digitais. (Megiddo. 2020. P.48).

"A Política, para quem não respira isso, é um saco. São muitos nomes, cargos, notícias, implicações, bastidores, articulações. Ainda mais no governo Bolsonaro, onde todo dia é pautado um escândalo diferente. Nós, brasileiros, somos um povo levado a nos desinteressar por ela. Esse é o maior erro que nós podemos cometer. Quando eu posto, penso sempre nas pessoas que não ligam tanto para o tema e como deixá-lo atraente para elas." Explica, *@jairmearrependi* Entrevistador: Bárbara Marra. Ouro Preto: Universidade Federal de Ouro Preto, 2022.

"Mas o meu maior feito, na minha opinião, foi transformar a cobertura da CPI em um evento aguardado e atrativo para quem sequer acompanha política." Relembra o representante anônimo do perfil *@tesoureiros* Entrevistador: Bárbara Marra. Ouro Preto: Universidade Federal de Ouro Preto, 2022.

Um dos ganhos práticos atribuídos a comunicação dos trabalhos realizados por essa colaboração de forma mais imediata foi a celeridade na compra de vacinas após denúncia diante dos cerca de 101⁹ e-mails enviados pela farmacêutica estadunidense Pfizer e que foram simplesmente ignorados pelo Governo Federal. Segundo os relatos apurados durante a CPI da Covid e confirmados pela mídia tradicional na época, o objetivo do laboratório era usar o tamanho do Brasil e a sua capilaridade do Sistema Único de Saúde (SUS) como vitrine da eficácia da vacinação contra o coronavírus.

Naquela época, ainda segundo os jornais, o país registrava um aumento de 60% no número de mortes consequentes da contaminação viral. A partir dessa descoberta, ficou claro para os brasileiros que caso os e-mails tivessem sido respondidos em tempo hábil e as negociações com a farmacêutica avançassem, a vacinação no país ainda teria começado em dezembro de 2020 acompanhando o calendário de vacinação mundial. (Figura 5).

"A CPI já trouxe resultados concretos. Fez o governo correr atrás de vacinas e pausar, momentaneamente, as campanhas negacionistas. (...)Vale lembrar que foi justamente este o motivo de a CPI existir. Outro resultado foi o político. A rejeição ao governo Bolsonaro aumentou muito ao longo da CPI, pois muita

⁹<https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2021/06/4932143-lista-de-e-mails-da-pfizer-ignorados-pelo-governo-aumenta-sao-101-tentativas.html>

coisa veio a público e ganhou destaque que a CPI recebeu nas redes sociais e na mídia. Além disso, algumas demissões só aconteceram por causa da repercussão da Comissão." Acredita, o representante do perfil @tesoureiros Entrevistador: Bárbara Marra. Ouro Preto: Universidade Federal de Ouro Preto, 2022.

Para além das conquistas da compra de vacinas e o combate a desinformação disseminada pelo próprio Governo, um dos grandes ganhos dessa CPI seria também o desgaste da imagem construída em período eleitoral que tinha como foco principal o combate à corrupção. A CPI da Covid conseguiu durante estes sete meses pautar a grande mídia com escândalos que iriam desde desvio de verba pública até a inação do Governo diante dos graves acontecimentos consequentes da pandemia no Brasil.

Reforçamos que essa peculiaridade deve ser registrada como uma nova forma, um novo tipo de perfil dentro do ativismo digital brasileiro (Joyce, 2010). Foi este trabalho que tentamos realizar durante toda a nossa análise. A tentativa de dar valor qualitativo ao *modus operandi* desses ativistas e demonstrar o seu papel na comunicação deste importante evento político.

Considerações Finais

"Pandemics are social and political as much as they are biological". (Madianou, 2020).

Durante esses sete meses, acompanhamos a articulação e o trabalho destes perfis através da plataforma X/Twitter e suas consequências deste trabalho nos inquéritos transmitidos ao vivo pela TV Senado. Fomos testemunhas e vimos que por meio da organização dos Dados eles conseguiram realizar de forma ágil e eficiente a checagem dos fatos servindo informação crível para os Senadores em formato de vídeos, prints e colaborando em tempo real com os inquéritos desta Comissão Parlamentar.

Esse trabalho teve como motivação principal entender como uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) pode ser caracterizada como um dos principais acontecimentos midiáticos no Brasil nos últimos anos. Vislumbramos desde o início dessa

pesquisa estar diante de um novo método de colaboração em forma de redes digitais em uma plataforma de mídia social entre ativistas e políticos.

Chegado ao final dessa análise, acreditamos que atingimos o nosso objetivo ao conseguir estabelecer os nossos *nós* e *arestas* por meio do papel dos perfis anônimos dos ativistas digitais na construção da comunicação deste evento político e a forma como eles atuaram e colaboraram durante todo este período.

Os ativistas políticos, neste trabalho representado em dois perfis pelo @*tesoureiros* e pelo @*jairmearrependi* foram realmente fundamentais para o sucesso midiático desta Comissão Parlamentar com o seu trabalho de coleta, organização e checagem dos fatos em colaboração com os políticos e jornalistas durante o período da CPI da Covid. Eles provaram o seu valor fosse enviando material bruto para análise dos jornalistas ou realizando o trabalho da checagem dos fatos em tempo real para que possibilitasse os senadores da oposição de refutar e reformular as suas perguntas em tempo real durante os inquéritos realizados por essa Comissão.

Também precisamos destacar um dos papéis que acreditamos ter a mesma importância no que tange o sucesso da comunicação deste evento: o engajamento com os usuários no *X/Twitter*. Por meio dessas *arestas direcionais* e *não direcionais* estes perfis ajudaram a transformar o acompanhamento de uma CPI em um evento interessante e até muitas vezes divertido, aproximando a sua cobertura a linguagem e ações de da comunicação de grandes eventos midiáticos de entretenimento.

Os usuários desta plataforma também foram de fundamental importância para reverberar e conquistar os holofotes da mídia tradicional para o trabalho realizado por estes perfis. O interesse público, que começaria dentro da plataforma, acabaria por chamar a atenção dos grandes veículos de comunicação do país, que passariam a pautar-se pelos acontecimentos surgidos nesta plataforma e transformam esses perfis tanto em fontes primárias de informação como em colaboradores importantes para a construção noticiosa desta Comissão Parlamentar.

Como mencionamos anteriormente, é enorme o desafio de categorizar esses resultados qualitativos, mas acreditamos que após esta análise de conteúdo podemos começar a organizar e visualizar com mais clareza a reverberação e as consequências práticas do uso das informações apuradas pelos perfis ativistas que foram usadas durante os inquéritos realizados pela CPI da Pandemia.

O objetivo deste trabalho foi demonstrar como pela primeira vez na recente história da democracia brasileira esses perfis na plataforma de mídia social do *X/Twitter* ultrapassaram a

fronteira da participação cívico-política e transformaram-se em verdadeiros perfis com ações ativistas digitais. Pela primeira vez foi possível acompanhar não apenas o trabalho dos Senadores da República, pela TV Senado, mas também fomos participantes passivos - ao testemunhar os acontecimentos em tempo real e participantes ativos- compartilhando informações e colaborando com o aumento da audiência aos fatos revelados pelos perfis ativistas.

"CPIs não mandam ninguém pra cadeia, não punem, não ordenam o pagamento de indenizações. Isso é função reservada ao poder Judiciário. O que as CPIs apresentam de diferente em relação às questões ordinárias do parlamento, é que elas, por força da Constituição, têm poderes próprios das autoridades judiciais: podem convocar testemunhas e trazê-las à força, podem acessar informações sigilosas referentes a tributos, a dados bancários e telefônicos, podem determinar que sejam apreendidos determinados documentos. E se elas cumprem diversos papéis, o mais recorrente é investigar e informar a sociedade." Lilia Schwarcz, professora da USP, em artigo publicado no Jornal Nexo em 26 de abril de 2021.

Como nos lembra Schwarcz, o trabalho da CPI da Pandemia não foi de punir, mas basicamente foi o de investigar. O objetivo foi levantar as informações e recomendar caminhos para o trabalho da Justiça. Sabemos que muito material foi analisado nessas investigações, em quase sete meses de trabalho, segundo dados à CPI da Pandemia recolheu mais de 50 depoimentos, quebrou 251 sigilos, analisou 9,4 terabytes de documentos e fez mais de 60 reuniões marcadas por intensos embates. (Agência Senado, 2021) Todo esse trabalho resultaria em um relatório final não apenas acusando o Governo Federal por uma má conduta durante a pandemia, mas pedindo o indiciamento de Jair Messias Bolsonaro por crime contra a humanidade.

Na prática, a primeira grande vitória da CPI da Covid foi vislumbrar o percentual da população totalmente imunizada com vacinas que saltaria de 6,6% no início dos seus trabalhos, em abril de 2021, para 49% no mês de outubro de 2021(Agência Senado, 2021). Isso vai ser devido tanto à compra de vacinas, finalmente realizada pelo Governo, mas, principalmente, também ao combate da desinformação sobre os falsos tratamentos pregados e defendidos pelos apoiadores de Bolsonaro. Durante quase sete meses, a CPI da Covid também teve o papel fundamental de educar ao desmentir e levar as informações corretas para o plenário por meios dos cientistas que explicavam a ineficácia e as consequências de apostar em tratamentos alternativos à vacinação.

No que tange a comunicação e a construção simbólica da imagem do Governo, essa CPI trouxe resultados positivos e também imediatos. Um governo que foi eleito com uma plataforma sustentada no combate a corrupção teria ao final dos seus trabalhos, segundo pesquisa do Instituto Atlas, o nível mais baixo desde que chegou ao Planalto. A pesquisa Atlas mostraria que aprovação à figura do presidente também chegou ao índice mais baixo desde que foi eleito: 29,3% dos brasileiros aprovam seu desempenho. Pautas de corrupção, inflação e desemprego seriam as maiores preocupações da população brasileira naquele momento. Sendo a corrupção a opção mais citada durante toda a pesquisa. (Jornal El País, Nov, 2021).

Conseguimos também estabelecer por meio da nossa análise do conteúdo que esses perfis conseguiram colaborar com os inquéritos de forma ativa nos trabalhos da Comissão Parlamentar usando a ferramenta do levantamento, checagem e compartilhamento das informações. Abrindo assim caminhos para estabelecer um novo formato de trabalho ativista em redes sociais digitais criando uma forma colaborativa para a realização da checagem dos fatos dentro das plataformas de mídias sociais digitais. Colaboração esta que conseguiria criar todo um sistema que envolveria usuários, senadores e jornalistas.

Também desde que iniciamos este trabalho destacamos o fato de que quando pensamos em ações ativistas não pensamos em forças divergentes trabalhando juntas. Por isso, outro fator constatado por meio dos dados coletados foi o fator colaboracionista entre os perfis de usuários anônimos na plataforma *X/Twitter* e os perfis dos Senadores da República, que se encontravam em oposição ao Governo vigente. Vimos, mais de uma vez, em depoimentos do Senadores o reconhecimento e o agradecimento aos trabalhos realizados por estes perfis. Seja nas entrevistas coletadas ou na citação oficial no relatório final dos trabalhos desta Comissão Parlamentar.

Outro ponto que não podemos deixar de citar é que enquanto finalizamos esta pesquisa, aqui em Lisboa, em território brasileiro não é mais possível acessar a plataforma *X/Twitter*. Por descumprimentos legais da empresa Starlink, de Elon Musk, o ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), Alexandre de Moraes, suspendeu a plataforma em todo território nacional por tempo indeterminado.

Não sabemos ainda o futuro da plataforma e nem conseguimos ainda mensurar as consequências da sua suspensão no Brasil. O que podemos dizer é que os brasileiros de forma empírica estão comprovando que "os usuários são a mensagem" (Cardoso, 2023). Apenas na mesma semana que o *X/Twitter* foi bloqueado no país as notícias eram que a nova plataforma de características semelhantes ao *X/Twitter*, a plataforma *bluesky* batia recordes de novos

inscritos: um milhão de novos brasileiros em apenas três dias. "Brasil, você está estabelecendo novos recordes de atividade no Bluesky!" comemorou a plataforma. (BBC, 31.08.24).

O Brasil, apesar de estar entre os países com maior participação nas plataformas de mídias sociais digitais do mundo, até este evento supracitado neste trabalho, não tinha ainda atingido um reconhecimento sobre a sua influência e o seu uso nas formas de uso dessas plataformas para um engajamento ativista, que trouxesse resultados tangíveis e de tão fácil entendimento do seu papel para toda a população.

Esses perfis conquistam essa visibilidade pois ajudaram a unir as vozes dissonantes contra um jornalismo declaratório realizado massivamente durante a Pandemia e a determinar métodos antes intrínsecos do trabalho destinado apenas aos jornalistas para vislumbrarmos a possibilidade no combate às fake news por meio também de um trabalho construído através do ativismo digital e o envolvimento dos usuários.

Esperamos assim que essa análise possa nos servir como base para o debate focado na construção de novos caminhos e de novos entendimentos para o uso das plataformas de mídia sociais digitais no que tange o trabalho ativista. Acreditamos no uso dessas plataformas não apenas como ferramentas eficazes de ações pontuais para o ativismo digital em grandes eventos, mas esperamos que ao categorizar e estabelecer os métodos utilizados por estes perfis brasileiros possamos contribuir com a literacia dessa disciplina e transformar o que possa ser visto como apenas uma ação pontual comece também a ser visto como um exemplo, ou até um modelo, de ação a ser replicado, ensinado e usado como parte fundamental da prática ativista digital no que tange o combate às *fake news online* em qualquer parte do mundo.

Acreditamos ainda que possamos inspirar e engajar a continuação do registro de novos métodos para a contribuição de uma comunicação ativista digital dentro da disputa pela atenção e comando da narrativa midiática. E quem sabe possamos vir a construir coletivamente novas práticas e novas regulamentações que nos ajudem neste combate cívico-ativista independente da do meio midiático onde eles possam acontecer.

Referências Bibliográficas

- Amazeen, M. A. (2019). Practitioner perceptions: Critical junctures and the global emergence and challenges of fact-checking. *International Communication Gazette*, 81(6–8), 541–561. <https://doi.org/10.1177/1748048518817674>
- Araújo, A., & Teixeira, A. (2023). Jornalismo declaratório no Twitter: como os usuários reagem à reprodução de declarações de Bolsonaro com desinformação? *Galáxia*, 48. <https://doi.org/10.1590/1982-2553202358621>
- Auverset, L. A., & Billings, A. C. (2016). Relationships Between Social TV and Enjoyment: A Content Analysis of The Walking Dead's Story Sync Experience. *Social Media + Society*, 2(3). <https://doi.org/10.1177/2056305116662170>
- Barabási, A.-L. (2002). *Linked: The new science of networks*. Perseus Publishing.
- Beyer, Y. N., Enli, G., Maasø, A., & Ytreberg, E. (2007). Small Talk Makes a Big Difference: Recent Developments in Interactive, SMS-Based Television. *Television & New Media*, 8(3), 213–234. <https://doi.org/10.1177/1527476407301642>
- Bosi, L., & Zamponi, L. (2015). Direct Social Actions and Economic Crises: The Relationship between Forms of Action and Socio-Economic Context in Italy. *DOAJ* (DOAJ: Directory of Open Access Journals). <https://doi.org/10.1285/i20356609v8i2p367>
- Bourdieu, P. (1989). O poder simbólico. *Difel*.
- Bruns, A. (2003). Gatewatching, Not Gatekeeping: Collaborative Online News. *Media International Australia*, 107(1), 31-44. <https://doi.org/10.1177/1329878X0310700106>
- Cabañes, J. V. A. (2020). Digital Disinformation and the Imaginative Dimension of Communication. *Journalism & Mass Communication Quarterly*, 97(2), 435–452. <https://doi.org/10.1177/1077699020913799>
- Canavilhas, J. (2018). Fact-checking: o jornalismo regressa às origens. <http://hdl.handle.net/10400.6/6892>
- Cardoso, G. (2023). *A Comunicação da Comunicação. As pessoas são a mensagem.* (2023 rd ed.). Editora Mundos Sociais. <https://mundossociais.com/livro/a-comunicacao-da-comunicacao/132>
- Castells, M. (2009). *Communication Power* (e. g, 2). Oxford University Press.
- Castells, M. (2017). *Redes de indignação e esperança: Movimentos sociais na era da internet.* Editora Zahar.

- Cunha, I. F. (2004). “Repensar a investigação empírica sobre os Media e o Jornalismo”. BOCC-Biblioteca online de Ciências da Comunicação. Recuperado de <http://www.bocc.ubi.pt/pag/cunha-isabel-ferin-metodologias.pdf>
- Chagas, L. J. V., & Da Cruz, M. C. (2022). Jornalismo declaratório na cobertura eleitoral e a dependência das fontes oficiais. *Sur Le Journalisme*, 11(2), 108–123. <https://doi.org/10.25200/slj.v11.n2.2022.494>
- Chen, H. (2019). *Second Screening and the Engaged Public: The Role of Second Screening for News and Political Expression in an O-S-R-O-R Model* (Vol. 98). SAGE Publishing. <https://doi.org/10.1177/1077699019866432>
- Dayan, D., & Katz, E. (1992). *Media Events: The Live Broadcasting of History*. Harvard University Press.
- DBL Farias, G Casarões, D Magalhães (2022). Radical right populism and the politics of cruelty: The case of COVID-19 in Brazil under President Bolsonaro. *Global Studies Quarterly*.
- Dolata, U., & Schrape, J. (2016). Masses, Crowds, Communities, Movements: Collective Action in the Internet Age. *Social Movement Studies*, 15(1), 1–18. <https://doi.org/10.1080/14742837.2015.1055722>
- Edgerly, S., & Vraga, E. K. (2020). Deciding What’s News: News-ness As an Audience Concept for the Hybrid Media Environment. *Journalism & Mass Communication Quarterly*, 97(2), 416–434. <https://doi.org/10.1177/1077699020916808>
- Ferreira, G. B. (2018). *Sociologia dos novos media*. Covilhã: LabCom.IFP.
- Flick, U. *Métodos Qualitativos na Investigação Científica*, Lisboa , Monitor, 2002 [parte III ; parte IV]
- Foddy, W., *Como perguntar, Teoria e prática da construção de perguntas em entrevistas e questionários*, Oeiras, Celta, 1996 [caps. 1 e 2]
- Guerra, Isabel, *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo. Sentidos e formas de uso*, São João do Estoril, Principia, 2006 [cap. 4.3]
- Halupka, M. (2014). Clicktivism: A Systematic Heuristic. *Policy & Internet*, 6(2), 115–132. <https://doi.org/10.1002/1944-2866.poi355>
- Joyce, M. (2010). *Digital Activism Decoded: The New Mechanics of Change*. <http://ci.nii.ac.jp/ncid/BB06424270?l=en>
- Kaase, M. (2009). Perspectives on Political Participation. In *Oxford University Press eBooks* (pp. 783–796). <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199270125.003.0042>
- Leal Farias, D. B., Casarões, G., & Magalhães, D. (2022). Radical right populism and the politics of cruelty: The case of COVID-19 in Brazil under President Bolsonaro. *Global Studies Quarterly*, 2(1), 1-13.

- Li, Y., Bernard, J.-G., & Luczak-Roesch, M. (2021). Beyond Clicktivism: What Makes Digitally Native Activism Effective? An Exploration of the Sleeping Giants Movement. *Social Media + Society*, 7(3). <https://doi.org/10.1177/20563051211035357>
- Lopezosa, C., Guallar, J., Codina, L., & Pérez-Montoro, M. (2023). Curación de contenido y periodismo: revisión sistematizada exploratoria y visión experta. *Revista Mediterránea De Comunicación*, 14(1), 205–223. <https://doi.org/10.14198/MEDCOM.22810>
- Madianou, M. (2020). A Second-Order Disaster? Digital Technologies During the COVID-19 Pandemic. *Social Media + Society*, 6(3). <https://doi.org/10.1177/2056305120948168>
- Mattes, K., & Redlawsk, D. P. (2020). Voluntary Exposure to Political Fact Checks. *Journalism & Mass Communication Quarterly*, 97(4), 913–935. <https://doi.org/10.1177/1077699020923603>
- McGregor, S. C., & Molyneux, L. (2020). Twitter’s influence on news judgement: An experiment among journalists. *Journalism: Theory, Practice & Criticism*, 21(5), 597–613. <https://doi.org/10.1177/1464884918802975>
- Martínez-García, L., & Ferrer, I. (2023). Fact-Checking Journalism: A Palliative Against the COVID-19 Infodemic in Ibero-America. *Journalism & Mass Communication Quarterly*, 107769902311641. <https://doi.org/10.1177/10776990231164168>
- Megiddo, T. (2020). Online activism, digital domination, and the rule of trolls: Mapping and theorizing technological oppression by governments. *Columbia Journal of Transnational Law*, 58(2), 399-437. <https://ssrn.com/abstract=3459983>
- Mendes, R. M., & Miskulin, R. G. S. (2017). A análise de conteúdo como uma metodologia. *Cadernos de Pesquisa*, 47(165), 1044-1066.
- McDonald, K. (2015). From Indymedia to Anonymous: rethinking action and identity in digital cultures. *Information, Communication & Society*, 18(8), 968–982. <https://doi.org/10.1080/1369118x.2015.1039561>
- McCosker, A. (2015). Social Media Activism at the Margins: Managing Visibility, Voice and Vitality Affects. *Social Media + Society*, 1(2). <https://doi.org/10.1177/2056305115605860>
- McGregor, S. C., & Molyneux, L. (2020). Twitter’s influence on news judgement: An experiment among journalists. *Journalism: Theory, Practice & Criticism*, 21(5), 597–613. <https://doi.org/10.1177/1464884918802975>
- Nascimento, F. B. D. (2021). Entendendo o Fact-Checking Como Uma Ferramenta Para Promoção de Literacia Mediática no Contexto Luso Brasileiro. <https://doi.org/10.34630/erei.v3i9.4220>
- Nekmat, E. (2020). Nudge Effect of Fact-Check Alerts: Source Influence and Media Skepticism on Sharing of News Misinformation in Social Media. *Social Media + Society*, 6(1). <https://doi.org/10.1177/2056305119897322>

- Odilla, F., & Mattoni, A. (2023). Unveiling the layers of data activism: The organising of civic innovation to fight corruption in Brazil. *Big Data & Society*, 10(2). <https://doi.org/10.1177/20539517231190078>
- Perreault, G., Kananovich, V., & Hackett, E. (2022). Guarding the Firewall: How Political Journalists Distance Themselves From the Editorial Endorsement Process. *Journalism & Mass Communication Quarterly*, 107769902210846. <https://doi.org/10.1177/10776990221084609>
- Poell, T. (2020). *Social media, temporality, and the legitimacy of protest* (Vol. 19). Routledge. <https://doi.org/10.1080/14742837.2019.1605287>
- Rauchfleisch, A., Artho, X., Metag, J., Post, S., & Schäfer, M. S. (2017). How journalists verify user-generated content during terrorist crises. Analyzing Twitter communication during the Brussels attacks. *Social Media + Society*, 3(3). <https://doi.org/10.1177/2056305117717888>
- Rothenbuhler, E. W., Dayan, D., & Katz, E. (1993). Media Events: The Live Broadcasting of History. *Contemporary Sociology*, 22(2), 274. <https://doi.org/10.2307/2075807>
- Santos, Y. D. D., Zinato, M. L., Gomes, A. S. P., & Silveira, R. I. (2021). O imaginário social sobre as mídias noticiosas: impactos do negacionismo de Jair Bolsonaro e do jornalismo declaratório na opinião pública. *Revista Anagrama*, 15(2), 1–23. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-1689.anagrama.2021.188272>
- Seibt, T., & Da Silveira Fonseca, V. P. (2019). Transparência como princípio normativo do jornalismo: a prática de fact-checking no Brasil. *Comunicação Pública*. <https://doi.org/10.4000/cp.4806>
- Theocharis, Y., De Moor, J., & Van Deth, J. W. (2021). Digitally Networked Participation and Lifestyle Politics as New Modes of Political Participation. *Policy & Internet*, 13(1), 30–53. <https://doi.org/10.1002/poi3.231>
- Vaz Chagas, L. J., & Camilo Da Cruz, M. (2022). *Jornalismo Declaratório e Fontes oficiais*. *Varia*, Vol 11, nº2.
- Whipple, K. N., & Shermak, J. L. (2020). *The Enemy of My Enemy Is My Tweet: How #NotTheEnemy Twitter Discourse Defended the Journalistic Paradigm* (Vol. 97). SAGE Publishing. <https://doi.org/10.1177/1077699019851755>
- York, C., Ponder, J. F., Humphries, Z., Goodall, C. E., Beam, M. A., & Winters, C. (2020). Effects of Fact-Checking Political Misinformation on Perceptual Accuracy and Epistemic Political Efficacy. *Journalism & Mass Communication Quarterly*, 97(4), 958–980. <https://doi.org/10.1177/1077699019890119>
- Ytreberg, E. (2017). Towards a historical understanding of the media event. *Media, Culture & Society*, 39(3), 309–324. <https://doi.org/10.1177/0163443716643155>
- Ytreberg, E. (2022). *Media and Events in History*. John Wiley & Sons.

Ytreberg, E. (2018). A change is gonna come: Media Events and the promise of transformation. *Media, Culture & Society*, 40(1), 131–134.
<https://doi.org/10.1177/0163443717726011>

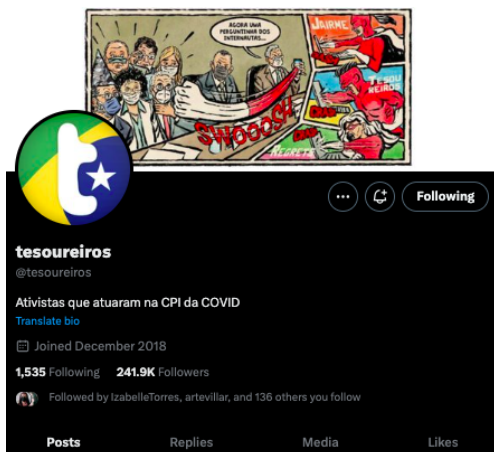
Anexos

Todos os dados foram obtidos de forma secundária na plataforma do *X/Twitter* e por meio de *desktop research* (últimos acessos em 18.09.24).

1- Imagem do perfil do @jairmearrependi



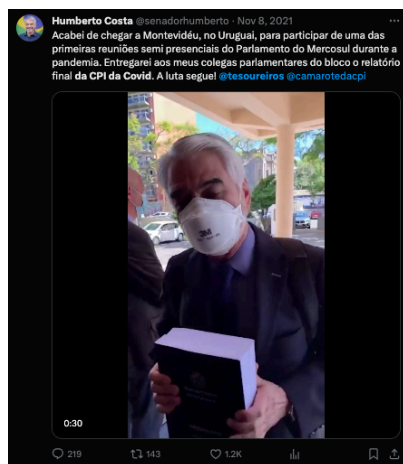
2 - Imagem do perfil do @tesoueiros



2.1- Reprodução do post do @tesoureiro mostrando que parte do trabalho realizado pelo coletivo consta agora oficial no relatório da CPI da Covid



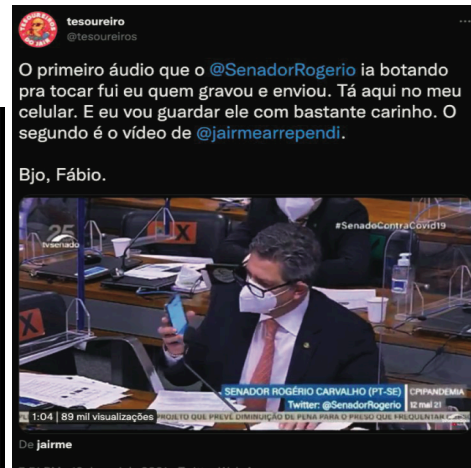
3 - Reprodução do post do Senador Humberto Costa do Partido dos Trabalhadores (PT) mencionando alguns dos perfis ativistas que colaboraram com informações para o relatório da CPI da Covid.



3.1- Post do jornal Estadão de um Senador expondo vídeo apurado pelos ativistas digitais, que comprovaria a fala mentirosa de um dos acusados durante a CPI.



3.2 - Posts dos ativistas usando as postagens do próprio acusado (Fábio Wajngarten, ex-chefe da Secom e depoente da CPI) para fazer a checagem dos fatos e provar que ele estava mentindo durante a CPI da Covid.

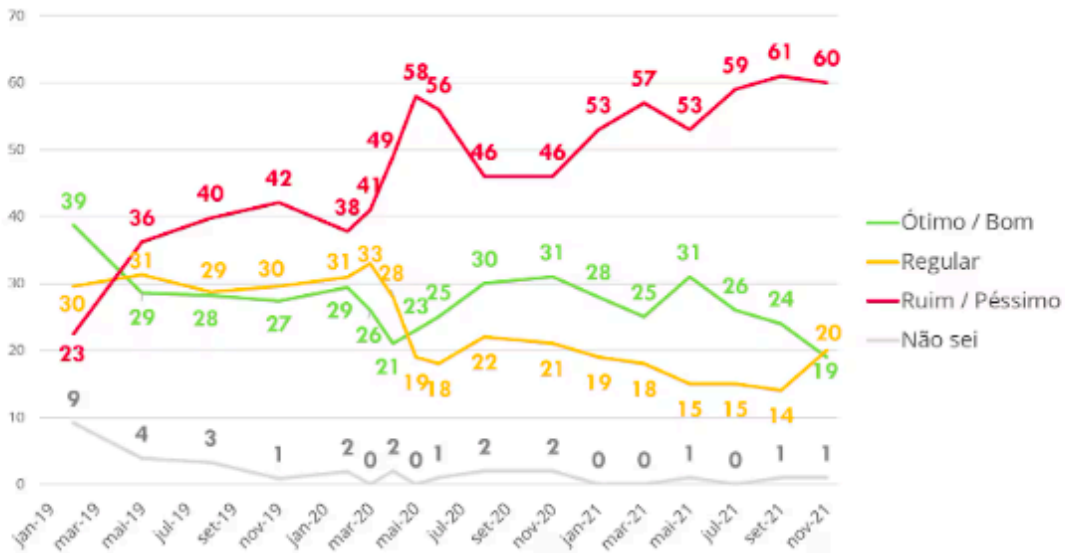


3.3 - Postagem sobre a repercussão do Caso Wajngarten no X/Twitter

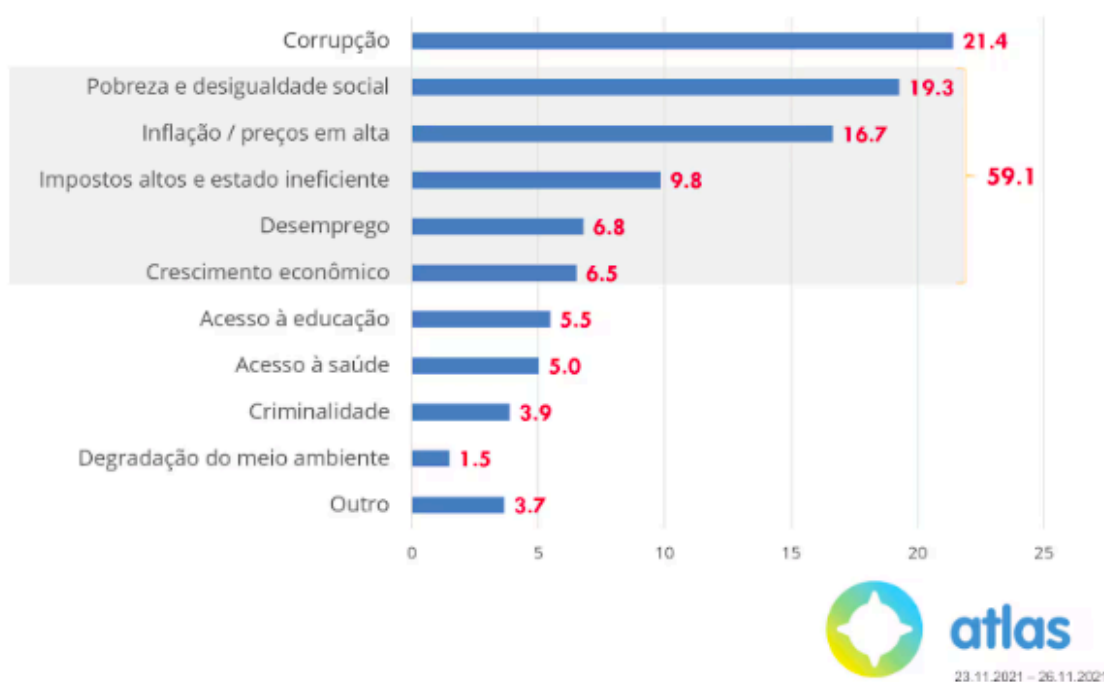


3.4 - Infográficos com os resultados das pesquisas de popularidade do Governo Bolsonaro logo após o término do trabalho da CPI da Covid.

Como você avalia o governo do presidente Jair Bolsonaro?
[Série temporal]



Qual é na sua opinião o maior problema do Brasil hoje em dia?



4- Repercussão midiática da crise da Covid no Brasil

4.1 - Legado CPI da Covid:

<https://sbtnews.sbt.com.br/noticia/congresso/246020-experiencia-da-cpi-da-pandemia-indica-embate-sem-fim-na-cpmi-do-8-de-janeiro>

4.2- Requerimento de abertura da Comissão

<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/02/04/randolfe-protocola-requerimento-para-instalacao-da-cpi-da-covid>

4.3- Crise de Negligência na condução da Pandemia em Manaus

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/04/entenda-a-criese-da-covid-no-amazonas-e-os-sinais-de-negligencia-do-governo-que-serao-investigados-na-cpi.shtml>

4.4- A participação dos ativistas no X/Twitter

<https://revistahibrida.com.br/revista/edicao-7-movimento/uma-frente-ampla-de-ciberativismo-do-twitter-a-cpi-da-covid/>

4.5 - CPI divulga áudio em que Fabio Wajngarten declara "incompetência" na gestão

https://www.youtube.com/watch?v=NcydexUtILE&ab_channel=UOL

4.6 - Reprodução dos principais momentos da participação dos ativistas e a repercussão nas mídias sociais dos principais veículos do Brasil.



4.7 - Secom apaga postagens com o slogan 'Brasil não pode parar'

<https://oglobo.globo.com/politica/secom-apaga-postagens-com-slogan-brasil-nao-pode-parar-diz-que-campanha-nao-existe-1-24335636>

4.8- Outros links de acesso às notícias pesquisadas durante este trabalho:

<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/02/04/randolfe-protocola-requerimento-para-instalacao-da-cpi-da-covid>

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/04/entenda-a-crise-da-covid-no-amazonas-e-os-sinais-de-negligencia-do-governo-que-serao-investigados-na-cpi.shtml>

<https://www.democraticaudit.com/2016/04/12/dont-knock-clickivism-it-represents-the-political-participation-aspirations-of-the-modern-citizen-2/>

<https://twitter.com/tesoureiros/status/1443621784977383436>

<https://nucleo.jor.br/curtas/2023-06-01-twitter-notas-comunidade-imagens/?ref=status-newsletter>

https://www.youtube.com/watch?v=NcydexUtILE&ab_channel=UOL

<https://brasil.elpais.com/brasil/2021-11-29/aprovacao-a-bolsonaro-cai-para-29-nivel-mais-baixo-desde-o-inicio-do-governo.html>

<https://oglobo.globo.com/epoca/guilherme-amado/governo-nega-ao-stf-que-slogan-brasil-nao-pode-parar-fosse-ser-adoptado-24389848>

<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/10/29/o-que-aconteceu-com-as-conclusoes-da-cpi-da-covid-19.htm>

<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-59057279>

<https://www.bbc.com/portuguese/articles/cm2nkdkypk7o>

5- Painel da Vacina global em Janeiro de 2021.



Países que iniciaram a vacinação contra a Covid-19 até 16 de janeiro de 2021

Foto: CNN Brasil

Fonte:

<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/quais-os-paises-que-ja-comecaram-a-vacinacao-contra-a-covid-19/>

6- Entrevistas e depoimentos obtidas de forma secundária:

6.1- JAIR, Tesoureiros do. Entrevista concedida por um dos membros do perfil @tesoureiros ao Jornal laboratório do curso de Jornalismo da UFSC (Dez, 2021).
<https://zeroufsc.medium.com/vigia-e-debochai-por-dentro-dos-perfis-an%C3%B4nimos-que-investigam-o-governo-bolsonaro-2e46dc1dbb38>

6.2- JAIR, Tesoureiros do. Depoimento (Mai, 2022). Entrevistador: Bárbara Marra. Ouro Preto: Universidade Federal de Ouro Preto, 2022. Questionário eletrônico (10 questões). Entrevista concedida para a pesquisa sobre a inter e transmidialidade da CPI da Covid-19.
https://medium.com/@barbara.campos_64302/tesoureiros-do-jair-807eb9e57e98

6.3- JAIR ME ARREPENDEI. Depoimento (Jun, 2022). Entrevistador: Bárbara Marra. Ouro Preto: Universidade Federal de Ouro Preto, 2022. Questionário eletrônico (10 questões). Entrevista concedida para a pesquisa sobre a inter e transmidialidade da CPI da Covid-19.
https://medium.com/@barbara.campos_64302/jair-me-arrependi-cf64199c9a85

6.4- JAIR, Tesoureiros do e JAIR ME ARREPENDEI. Entrevista concedida à sétima edição da Revista digital Híbrida. 2021.
<https://revistahibrida.com.br/revista/edicao-7-movimento/uma-frente-ampla-de-ciberativismo-do-twitter-a-cpi-da-covid/>

6.5- Entrevista com **Senador Randolfe Rodrigues**, Vice-Presidente da CPI da Covid, comentando o trabalho em parceria com os ativistas. (mai, 2021)

<https://x.com/tesouheiros/status/1392252843978072066>

6.6-Entrevista com **Senador Randolfe Rodrigues**, Vice-Presidente da CPI da Covid, comentando sobre a descoberta no tráfico de influência entre o líder do Governo e empresas privadas e em defesa das quebras de sigilos dos envolvidos. (ago, 2021)

<https://www.youtube.com/watch?v=CDeaWGZ2f7c>

7- Tentativa de marcar entrevista com o perfil *@jairmerrependi*:

